

MOVIMENTO

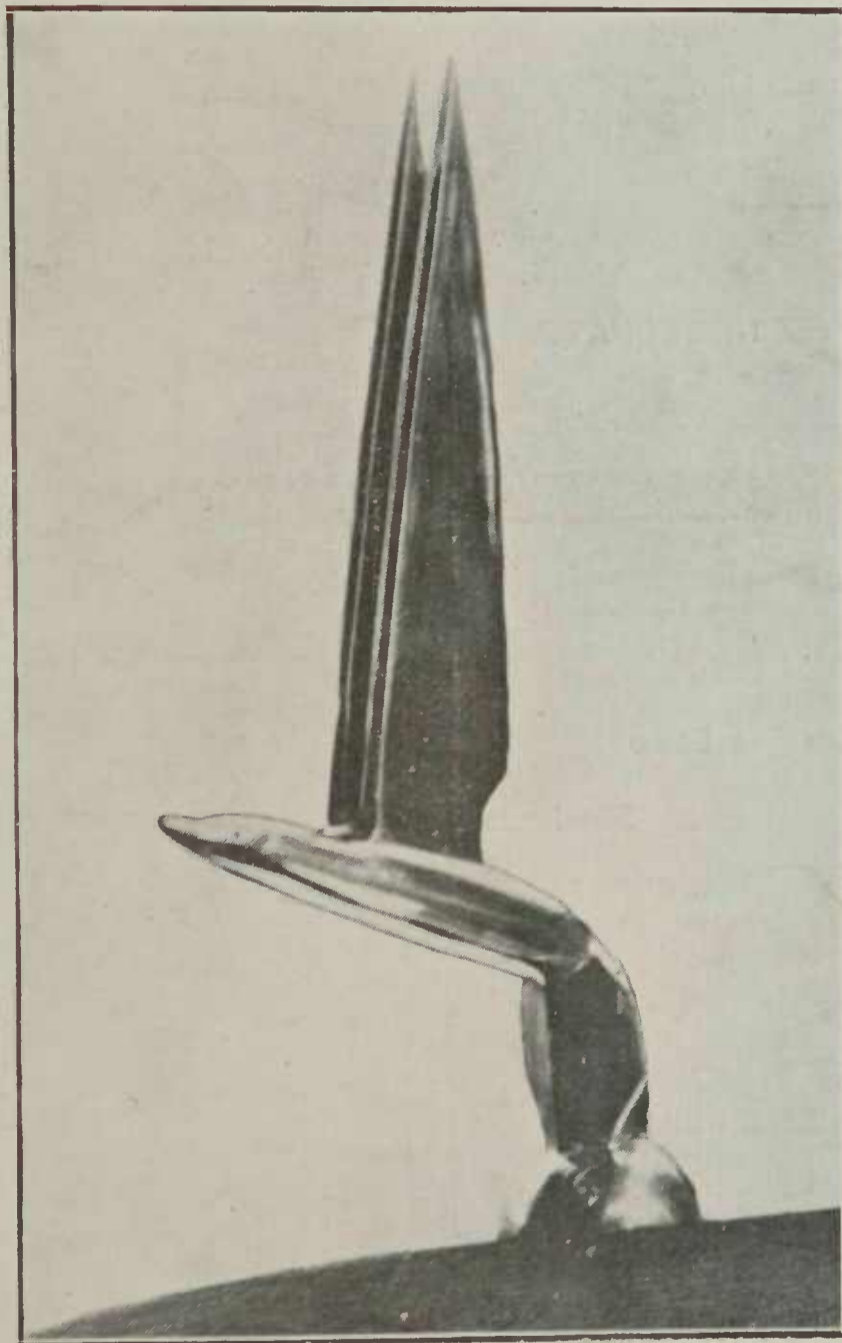
BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO

Numero 7

Director:

RENATO ALMEIDA



O PASSARO DE BRECHERET

JULHO

PREÇO — 1\$000

RIO DE JANEIRO

LYCÉE FRANÇAIS

RUA DAS LARANJEIRAS, 13 e 15

JARDIM DA INFANCIA

Cursos Infantil, Secundario e Commercial.

EXTERNATO E SEMI-INTERNATO.

Pharmacia Heitor Sampalo

RUA EVARISTO DA VEIGA, 30
PHONE C. 3191 — Prox. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

F O S F O R O L

O MELHOR TONICO DA CELULA
ORGANICA

Grandes armazens d'alimentação

D U C H E N

70/70-A, Rua São Bento

Caixa 497

São Paulo

Especialidade em

BISCOITOS — BONBONS — CHOCOLATES

DOCES — FRIOS

PREZUNTOS — SALCHICHARIAS

SALAMES — CONSERVAS

Mostardas — Piches — Condimentos

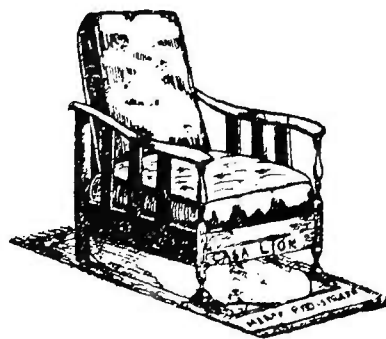
VINHOS

Portos — Champagne — Licores

Massas e macarrão

Expedições para todas as partes contra cheques

MOVEIS E OBJECTOS DE ARTE
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIO



Casa Lion

145, RUA DO ROSARIO, 145

Telephone Norte 5153

RIO DE JANEIRO

"NOVELTY"

COISAS DE ARTE
barão de itapetininga. 59
Phone. 4-7801
São Paulo

ALFAIATE MODERNO

SALVADOR
PULHIEZ

Rua Chile, 27 - 1.º

ROCHA POMBO

Historia do Brasil

EDIÇÃO DO
ANNUARIO DO BRASIL
RUA D. MANOEL, 62
RIO DE JANEIRO

—
A OBRA COMPLETA CONSTA DE
4 VOLUMES — (13 TOMOS)
CADA TOMO — 5\$000

—
ENCADERNADO 100\$000
BROCHADO 70\$000

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO

Numero 7

Director:

RENATO ALMEIDA

PRODUCCÃO BRASILEIRA

MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA — O ENSINO EXPERIMENTAL

A ESTATUA DE MACHADO DE ASSIS

WILLY LEWIN — NOTAS SOBRE "THE WEARY BLUES" DE

LANGSTON HUGHES

O PASSARO DE BRANCUSI

RENATO ALMEIDA — HERMANN KEYSERLING

P. A. R. — O ECLIPSE DO SOL DE 9 DE MAIO E A THEORIA DE EINSTEIN

A OLOGENESE

ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA E PHYSIOLOGICA DO

TRABALHO HUMANO

COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANUEL, 62

1.º Andar

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

Movimento Brasileiro

ANNO 1 — N.º 7

JULHO — 1929

Produção Brasileira

Foi affirmado que o dever principal do Brasil, neste momento, é o de produzir. Temos, pois, que desenvolver as nossas possibilidades economicas, incentivar as culturas, estimular a industria e assegurar saldos avultados na balança commercial do paiz. E assim cumpriremos a nossa missão actual. A these pecca logo pela sua exclusividade. Se é certo que a produção representa não só indice de progresso e se lhe devemos dar a mais desvelada attenção, não se póde circumscrever ahi toda a função nacional.

Antes de tudo, para que a produção do paiz atinja um alto grau de desenvolvimento e seja um reflexo da potencialidade brasileira, é necessario adaptar o Brasil, para realizar esse esforço. E, só nesse particular, são immensas as obras a executar. Não será possível produzir devidamente, enquanto não forem estudadas e melhor fixadas as condições do trabalho rural; enquanto não fôr saneado o interior, de sorte que o homem possa realmente dar todo o rendimento possível do seu esforço; enquanto perdurar essa massa espantosa de analfabetos, incapazes de estimar o proprio merito do trabalho; enquanto as communicações forem difficeis; não se modificar o regime economico e bancario; não houver um numero sufficiente de technicos, que tornem mais racional e proveitosa a cultura. Ora, todas essas são providencias que se não podem desprezar e não basta reclamar produção, para que se tenha, farta e opulenta.

Além disso, num paiz, como o Brasil, seria impossivel seccionar os termos do problema nacional, acreditando que resolvel-o sob um aspecto importa em encaminhar a solução geral. Ha um funcionamento harmonioso, na collectividade, que representa um organismo tão sensível como o dos corpos vivos. Portanto, a necessidade primordial do momento, está na reforma urgente dos nossos methodos de acção, para orientar o crescimento do paiz, despertando em commum as suas energias e aproveitando-as rigorosamente.

Não existe no Brasil uma questão politica, ou economica, que se encare sob um angulo especial, mas o phenomeno nacional, de um paiz novo, que ainda não coordenou com exactidão as forças propulsoras

e vive a dispersal-as inutilmente. A falta de programas, ou a modificação subita nas orientações, variaveis com os governantes passageiros, tem sido o grande embaraço para a firmeza imprescindível da acção. Cada governo que chega, traz um programma administrativo, outro financeiro, outro de politica e assim por diante, quando não acontece, como temos visto, um mesmo governo mudar subitamente a sua orientação. Considerando que esse facto se repete nos estados e municipios, é facil estimar o tempo perdido, e a impossibilidade de melhorar os systemas adoptados, que são substituidos, antes de produzir todos os resultados esperados. A ausencia absoluta de unidade governamental, torna o Brasil um campo de todas as experiencias. E, como essas, muitas vezes se baseiam apenas em dados theoreticos, vivemos numa continua mutação.

A inexistencia de um organismo coordenador da acção politica e administrativa, e a subordinação absoluta do poder legislativo ao executivo, a falta de compromissos dos politicos com a nação, da qual vivem alheios, pois, aqui, só contam as pessoas, fazem com que tudo se perca numa desorientação geral. E, tratando-se isoladamente de cada caso, todo o esforço traz um resultado muito aquem das necessidades reaes. Como se poderá cuidar de produção, sem estradas, sem credito, sem propaganda exterior? Mas, se, além disso, não temos instrucção, nem hygiene, no interior? Impossivel coordenar tantos elementos, persistindo nos erros actuaes.

Quando, por outro lado, se observa a vitalidade espantosa do paiz, que progride, apesar de tantos e tão intrincados embaraços, que se affirma cheio de vontade e quer ser, verifica-se que não é um esforço sobrehumano a grande exigencia do momento. É uma obra de intelligencia e constancia, para ver com segurança e actuar com firmeza. Talvez não falte amor ao paiz, mas o que não existe é clareza de vistas e desinteresse. Falta, sobretudo, esse espirito de sacrificio, para collocar acima das conveniencias pessoais, o destino nacional.

O Ensino Experimental

MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA

De todos os lados reclama-se no Brasil, contra o estado actual do ensino, considerado por demais theorico, por demais livresco, e no qual as prelecções oraes occupam um lugar excessivo em detrimento da observação directa dos factos e da experimentação sobre os phenomenos. A descripção verbal, fallada ou escripta, ainda se substitue quasi integralmente, na opinião de todos, á visão objectiva, e isso constituiria um mal, um grande mal. Seria esse estado de coisas a causa do desenvolvimento tardo apresentado entre nós pelas sciencias, tanto quando consideradas em seu aspecto puramente cultural, como quando avaliadas pelas suas applicações praticas. Adquirindo uma consciencia mais nitida do que se lhes deve em materia de ensino, as novas gerações protestam. Discutem ás vezes sem medida, com excessos, mas o interessante é que justamente ellas protestam, mesmo sem saber bem porque, nem como se deveria agir para crear um estado de coisas diferente. Esse protesto, ainda que mal formulado e um tanto desordenado é uma bella prova de vitalidade, constitue um attestado vivo de aspirações respeitaveis. Elle deve ser ouvido medido e avaliado, para se poder julgar até onde é justo, e para se pensar nas modificações a serem introduzidas afim de satisfazer ás novas exigencias no que ellas têm de real e certo.

Nos defeitos notados no ensino actual, seria necessario fazer uma distincção entre aquillo que deveria ser feito, e o que é possivel fazer. Muitas vezes, os responsaveis pelo ensino têm plena consciencia de todas as lacunas e deficiencias e mais que ninguem soffrem com isso. Infelizmente, elles se acham tolhidos por uma infinidade de obstaculos, aparentemente infimos, mas que pela sua multiplicidade são de remoção muito difficil. Só lhes resta a attitude de resignação, ouvindo repetir por outros o que a si mesmos já disseram innumeradas vezes e esperar que aos poucos, com o natural evoluir das idéas e dos habitos, esses impedimentos desapareçam. Desse modo se explica porque, longe de se offuscarem com as criticas acerbas a elles dirigidas acolhem-nas com mal dissimulado prazer e por vezes as applaudem discretamente mas com sinceridade.

O INQUERITO DO "MOVIMENTO BRASILEIRO"

Não seria descabido, e assim pensou a direcção

da revista MOVIMENTO BRASILEIRO, meditar um pouco sobre o ensino experimental, sobre sua exacta significação, sobre suas possibilidades e seus fins, e discutir sobre seu estado actual e seu futuro no Brasil. Attendendo ao convite a mim dirigido, darei aqui os resultados de algumas reflexões baseadas sobre o que tenho observado, abstrahindo-me de toda preocupação doutrinaria, e não pretendendo de modo nenhum ser completo em assumpto desta natureza.

Todos nós, quando indagamos quaes os verdadeiros fins do ensino, chegamos quasi sempre ao seguinte resultado: O ensino tem por destino preparar o individuo para saber ou para agir.

O saber por si só é um fim e um nobre fim: Faculta ao individuo além de uma preparação eventualmente util, no esforço para adquiril-o, ou na contemplação de seus resultados, nos problemas abordados e até nas duvidas suscitadas, satisfações elevadas, prazeres finos e dignos. E porque desprezar esse aspecto puramente idealista sob pretexto de uma mal provada inutilidade? A todos os instantes animam-se e encorajam-se os immensos esforços musculares, que concorrem para a educação physica; porque menoscabam os esforços puramente intellectues que dão em resultado uma boa educação mental?

A vida moderna creou, porém, a necessidade de grande numero de homens com o preparo tecnico para satisfazer-as. A acção, aos poucos passou para o primeiro plano, e a preocupação de saber só para saber foi sendo considerada como um luxo intellectual ou como um indice dos lazeres que as sociedades muito refinadas podem ter. Aprende-se principalmente para poder agir com competencia em uma determinada profissão ou aprende-se com o fim de cultivar uma determinada sciencia tendo em vista nella achar verdades novas e uteis. Um profissional é um individuo apto a resolver um certo typo de problemas que a sua profissão lhe apresenta, ou um tecnico capaz de applicar em casos previstos as regras anteriormente aprendidas. A sua eficiencia não é, pois, uma função simples dos conhecimentos alojados em sua memoria e de perto ou de longe relacionados com sua actividade quotidiana. Seu valor pratico é muito mais função de sua habilidade na execução de sua tarefa. Ora, essa proficiencia é o resultado de uma educação anterior na qual, á custa de um trabalho activo, á força de experimentar, de realisar, foi possivel tornar simples e quasi automaticos os actos intellectuaes ou

A Estatua de Machado de Assis

A Academia Brasileira de Letras inaugurou a 21 do mez passado a estatua de Machado de Assis, no dia em que o mestre teria completado noventa annos, se vivesse. Para fazer obra diferente e não ser acusada de tradicionalismo, a Academia poz a estatua na janella. Não ha duvida que é original collocar um homem de bronze num vão de janella *ad immortalitatem*... Mas, para isso, foi preciso quebrar a linha de fachada do edificio, que reproduz, como se sabe, o *Petit Trianon* de Versalhes. Que profanação!

Nada temos com a Academia, mas muito com a gloria de Machado de Assis, que, lastimavelmente, teve uma homenagem muito mesquinha em tão deploravel estatua. (E porque aquella toalha nas pernas?) Realmente esperavamos todos que a Academia erigisse ao seu fundador um monumento grandioso. Por certo o publico não attendeu ao appello de contribuir para a estatua, não por Machado, cujo nome é um orgulho nacional, mas pela Academia que, sendo uma socieda-

de riquissima e que paga regiamente o trabalho dos seus membros, tinha o dever de dar a esta cidade, onde Machado de Assis nasceu e escreveu a sua obra, cuja acção nella se desenvolve, um notavel monumento, que demonstrasse tambem a sua preocupação artistica. Nada disso. A Academia fez a festa o mais barato possivel. Uma estatua numa janella de casa, a pretexto de allegoria.

A Academia, porém, julga cumprido o seu dever, assegurando a Machado ligal-o á sua immortalidade, como disse, pittorescamente, o seu presidente: "Nas paginas da *Semana*, Machado de Assis escreveu: *Pedir-vos-ei uma estatua e uma festa que dure pelo menos dous anniversarios; já é demais para um homem modesto*. Elle teve essa estatua, retribuindo o que lhe devemos de fama appetecida e de vida proveitosa. E tambem terá uma festa, durando tanto quanto nós durarmos, tanto quanto dura a immortalidade."

manuaes, necessarios para a realisação do trabalho a fazer. Impõe-se por isso, na verdadeira educação profissional, uma longa pratica de observação e de experiencia. Torna-se necessaria saber encarar objectivamente as coisas, perceber rapidamente e acertadamente as relações exactas entre ellas.

Um dictado francez muito antigo, diz: *C'est en forgeant qu'on devient forgeron*. As faculdades de observar, experimentar e julgar só se desenvolvem pelo exercicio. D'ahi a noção intuitiva de ser necessario desde o inicio aguçar essas faculdades applicando-as em todas as occasiões que se offereçam.

A LIÇÃO EXPERIMENTAL

O ensino experimental é a escola por excellencia da acção reflectida e consciente. Nelle, por sua propria essencia, o alumno adquire experiencia. Vendo e realisando, observando directamente os phenomenos, obtem aos poucos esse senso especial que permite avaliar as proporções justas dos diferentes elementos, facultando discernir onde as coisas essenciaes e onde aquillo que possui caracter de accessorio ou secundario. As relações dos diferentes phenomenos entre

si são regidas por leis que a sciencia trata de pôr em evidencia, muitas das quaes já são conhecidas de um modo mais ou menos approximado. Essas leis impõem aos phenomenos considerados as condições de sua producção e esses só podem ser realisados quando todas as suas condições se acham reunidas. A repetição de experiencias e de observações bem feitas dá em resultado a formação desse estado de espirito caracteristico, que se traduz pela convicção intima da necessidade e da inviolabilidade das leis naturaes. A sujeição aos factos, a boa disciplina do espirito d'ahi resultante, o raciocinio justo e preciso, a sinceridade nas idéas, e a ausencia de phantasias inuteis, formam, entre outras coisas, o lucro principal obtido pelo alumno no ensino experimental. Sem duvida, como somma de conhecimentos, um curso experimental fornece muito menos que um curso exclusivamente verbal. Neste, os dados, as noções, as hypotheses, as theorias podem ser multiplicadas indefinidamente. Um alumno dotado de boa comprehensão para bem assimilar, e de boa memoria para bem guardar, pode ter ao fim a sensação de saber muito mais que outro, apenas senhor, no termino de seu curso experimental de um pequeno numero de noções. Entretanto, o primeiro, na reali-

dade, nada ou quasi nada sabe. Pensando sobre os phenomenos dos quaes so possui uma noção abstracta, elle tem, sem disso se aperceber, imagens deformadas, e a combinação dessas imagens umas com outras na sua actividade intellectual conduz quasi sempre a construcções mentaes viciadas e falsas.

Falta-lhe o senso da realidade. O segundo talvez dê ao seu ambiente a impressão de uma instrucção muito menor. Acompanhemos agora a ambos no desenvolver da acção: na vida pratica, no trabalho da pesquisa scientifica. O primeiro cedo se apercebe que os seus conhecimentos não se ajustam bem ás condições dos problemas que lhe compete resolver. O mundo real se lhe afigura extranho, novo, muito differente das imagens que delle havia formado. Sua acção falla; aos poucos uma irresistivel tendencia ao pessimismo corróe as suas energias e quasi sempre d'ahi resulta uma infelicidade incuravel para o resto da vida.

Não raro, o sentimento da inutilidade dos estudos, e a convicção da inabilidade da sciencia acabam por dominar individualidades de valor real, que ficam inaproveitadas. O segundo se caracteriza mais por uma attitude, por um modo de ser, que pela quantidade e qualidade de seus conhecimentos. Conhece os limites da acção, mas dentro desses limites sabe se orientar e como agir para dominar a realidade. Enquanto o primeiro possui a memoria dos resultados obtidos em determinadas circumstancias, que pelas condições de seus estudos lhe permaneceram desconhecidas, o segundo é possuidor de methodos de trabalho, das formas de raciocinio que permitem obter esses resultados e está educado para applical-os.

O ensino experimental, comprehendido no seu sentido mais largo, é pois, aquelle que educa o espirito na solução de problemas de uma determinada especie, e exercitando-o nesse sentido habilita-o a resolver problemas semelhantes. Elle prepara o alumno para o futuro, dando-lhe a malleabilidade de intelligencia sufficiente para sempre progredir. Mais adaptado ás necessidades psychologicas, leva sempre em consideração a lei insophismavel do esquecimento. Quem adquirir uma collecção de noções sem saber como a ellas se chega, tudo perde, quando com o tempo as esquece, ou quando o evoluir da Sociedade, substituindo-as por outras as torna caducas. Quem foi obrigado a refazer, mesmo por caminhos encurtados a marcha seguida para chegar as verdades approximadas de que se compõem as sciencias, está apto a retomar esses mesmos caminhos ou a seguir outros parallelos.

No modo de encarar o ensino experimental, ha entretanto, não raro, muitos mal-entendidos. Não poucos acreditam que um ensino puramente experimental dispensa toda e qualquer contribuição do ensino oral.

Puro engano. Uma experiencia e uma observação só são realmente uteis quando bem comprehendidas, e no fundo ellas só têm esse destino de bem fazer comprehender. Em muitos casos toda uma serie de manipulações pode ser feita deante, não de principiantes, mas mesmo sob as vistas de technicos experimentatos sem saberem estes ao certo o que se está passando sob os seus olhos. Elles poderão descrever e especificar a natureza dessas manipulações, caracterisar cada phase da experiencia, mas esta permanecerá para elles um mysterio quanto aos seus resultados e os seus fins, assim como no que diz respeito aos seus fundamentos se não lhes forem fornecidos as idéas directrizes. O ensino experimental não dispensa o trabalho da intelligencia. Ao contrario, estimula e põe em acção todos os elementos do raciocinio. Se, por um lado, elle aguça os sentidos, apurando-os, conferindo-lhes novas qualidades de penetração, se desenvolve a habilidade manual, pela execução de operações delicadas, por outro lado elle obriga a um esforço maximo de attenção, e a um exercicio constante das qualidades mais elevadas que os seus resultados sejam os melhores, é indispensavel fornecer constantemente ao alumno explicações sobre tudo o que vê ou o que está fazendo. Em sciencias, experimentaes, mesmo o que se pode chamar um *facto bruto* nunca se apresenta isoladamente. Elle tem relações com um numero de outros factos e o proveito a tirar de sua observação só é real quando pela evidenciação dessas relações se exgotta toda sua significação actual.

Além disso, a sciencia já tem em seu activo uma collecção muito consideravel de noções adquiridas. Um ensino bem orientado se caracteriza em parte, pela boa escolha do que deve ser mostrado aos alumnos. Uma vez bem comprehendidos os methodos, uma vez que a apreciação directa de um certo numero de factos, tornou o alumno possuidor de noções firmes e precisas, não ha mais risco em estender, mesmo theoreticamente, essas noções, acrescentando-lhes outras obtidas pelos mesmos methodos e pelas mesmas technicas. Para bem esclarecer o que aqui dizemos, seja-nos permittido tomar um exemplo simples e ao alcance de todos. Imaginemos que em um estudo de acção de medicamentos, se faça simplesmente uma ennumeración e descripção das substancias capazes de produzir um augmento brusco da pressão arterial. Se o alumno nunca viu como se toma a medida da pressão arterial, suas idéas sobre a questão muito provavelmente serão, mesmo que disso não tenha consciencia, muito obscuras. Se, porém em uma lição experimental bem organizada, faz-se uma experiencia, repetida depois pelo alumno, na qual se inscreve a pressão arterial normal de um animal e se provoca uma elevação accentuada dessa pressão por injeção

de uma ou outra substancia adequada, e se a lição foi bem comprehendida, a technica bem assimilada, uma ou mais lições sobre o assumpto, mesmo puramente verbaes, são perfeitamente uteis e aproveitaveis. A simples apresentação de novos traçados permite ao alumno comprehender todas as descrições e explicações sem uma nova demonstração, que por sua natureza, tomaria muito mais tempo. Ao fim de certo prazo, se o alumno já teve occasião de ver e fazer algumas experiencias typicas bem escolhidas, a descrição de experiencias analogas, mesmo mais complexas por combinarem ao mesmo tempo noções varias, não offerecerá difficuldades. Nesse caso, as lições verbaes podem se succeder, poupando novos trabalhos, representando uma economia de esforço e de tempo e sendo perfeitamente legitimas e recommendaveis. Nos grandes estudos, quando se trata de individuos competentes, fortemente exercitados na abstração e, que pelo nivel attingido possuem todos os elementos essenciaes da sciencia que cultivam, a theoria e o ensino theorico retomam em grande parte os seus direitos.

ENSINO EXPERIMENTAL NO BRASIL

No Brasil o ensino experimental tem sido uma evolução lenta e difficil. Deve-se com satisfação reconhecer haver alguma coisa de feito, mas o que resta a fazer é ainda muito mais. Hoje, certamente as condições já são muito melhores que ha vinte annos atraz quando eu era estudante. Nesse tempo, o ensino pratico em quasi todas as nossas faculdades superiores, com excepção de uma ou outra cadeira, era nullo ou prejudicial. Em muitos casos não havia estudo pratico nenhum e os alumnos deviam seguir simplesmente cursos verbaes de professores para os quaes o ensino se havia tornado um enfadonho dever do qual se desobrigava com mal desfarçado tedio. Em outros casos, uma criatura de ensino pratico inteiramente viciado em seus principios e desnaturado em seus fins, dava em resultado antes um sentimento de revolta, de descrença e de pessimismo que um lucro real para a instrucção e a educação do alumno. No meu tempo, os alumnos que se consideravam applicados e queriam na realidade estudar e aprender, não compareciam á Escola, pois acompanhar os cursos era bom só para quem dispunha de tempo a perder. Seguir regularmente as lições era tarefa dos que se preocupando só em bem satisfazer as exigencias annuaes dos exames, queriam ter facilidades nesse trabalho. Mas aquelles que aspiravam a alguma coisa de mais elevado se envergonhariam de estar todos os dias, em horas determinadas, docilmente assentados deante de seus mestres a tomar notas rudimentares de noções o

mais das vezes expostas de um modo pomposo e artificial.

As consequencias de uma instrucção assim conduzida não podiam ser senão o que sempre observamos. Durante muitas decadas uma sciencia brasileira quasi inexistente. O valor dos mestres era medido pela sua erudição, pela capacidade de citar numerosos auctores a proposito deste ou daquelle assumpto, pela maneira mais ou menos castigada a archaica de fallar e escrever o portuguez. A creação de uma sciencia brasileira era concebida exclusivamente como um esforço para escrever em vernaculo verdadeiro o que os europeus tinham executado já muito antes no dominio da realidade. Importava mais exprimir em um termo bem portuguez um phenomeno ou um methodo que bem comprehender a significação desse phenomeno ou as possibilidades e a fecundidade desse methodo, o mais das vezes nunca praticado.

Ao sahir da escola, os proficssionaes com a memoria sobrecarregada de coisas mal assimiladas, com a intelligencia pouco exercitada na pratica de sua profissão, sem saber como se orientar deante dos casos concretos, com uma instrucção cheia de lacunas e sem nenhuma educação, sentiam-se de todo desamparados. E para não naufragar refaziam gradativamente, em más condições e sem nunca terem uma orientação verdadeiramente solida, uma nova bagagem scientifica. Insensivelmente os proficssionaes dotados de bom senso, faziam taboa rasa de tudo que anteriormente haviam aprendido. Na dura escola da vida pratica, por si sós, tratavam de se educar, conservando sempre uma amarga lembrança dos tempos em que vieram illudidos e formando aos poucos um estado de espirito tendente ao menosprezo de tudo que lhes tinham apresentado como sciencia. D'ahi para desconfiar da propria sciencia e dos seus instrumentos de trabalho e de ensino, e para concluir que a sciencia e a pratica são dois mundos isolados um do outro, sendo o primeiro uma especie de luxo ao qual se tem de pagar um longo e pesado tributo, não ha senão um passo.

Aquelles que aspiravam á alta instrucção só dispunham de dois caminhos: ou serem verdadeiros auto-didactas ou estudar no estrangeiro. A primeira solução tinha os maiores inconvenientes na quasi totalidade dos casos. Certo, as intelligencias superiores mesmo em meios adeantados são não raras vezes levadas a fazer sua grande instrucção pessoal por si, e seus possuidores tornam-se mais ou menos auto-didactas. Já se tem procurado demonstrar que todo grande homem de sciencia no fundo é um auto-didacta. Mas, não seria possivel nem justo estabelecer regras geraes com excepções, sobretudo em questões de ensino, e o autodidactismo quasi sempre dá productos imperfeitos. O estudo no estrangeiro evidentemente só

era acessível aos possuidores de meios directos ou indirectos de arcar com as despesas de uma viagem e uma longa estadia na Europa ou na America do Norte.

As deficiencias nesse tempo não eram só do pessoal docente. Não havia installações materiaes para a organização de trabalhos praticos de professores, de preparadores ou de alumnos. Além disso, não existiam, fora das faculdades institutos outros especialistas nesta ou naquella sciencia. Em resumo, ha vinte annos atrás, o ensino encontrava-se deante desta situação: falta de organização, pessoal docente deficiente no seu preparo e com uma comprehensão errada dos seus deveres, ausencia de installações materiaes.

LABORATORIOS E DOCENTES

Actualmente as coisas do ensino melhoraram, conquanto ainda muito deixem a desejar. Foram creados nas faculdades numerosos laboratorios com aparelhamento mais ou menos abundantes. Longe ainda estão as nossas installações de ser o que deveriam ser mas é preciso não esquecer aqui que nunca uma installação scientifica pode ser considerada completa ou perfeita. Pela propria natureza das coisas, em Sciencia, as installações constituem organismos provisórios, inacabados e portanto perfectiveis. Para questões de pesquisas isso é evidente, pois as technicas novas surgem diariamente. Mas mesmo para o ensino, a melhor das installações ainda poderá ser melhorada se a isto nos propuzermos ou se para isso dispuzermos de meios. O problema não é pois, possuir a ultima palavra, mas ter um minimo indispensavel e praticamente utilisavel.

Se as installações melhoraram, em relação ao pessoal docente a questão já se apresenta de outro modo. Felizmente os professores actuaes (e aqui tomo o typo medio de professor) não são mais os bellos oradores de outrora. A decadencia da eloquencia foi mesmo o primeiro signal do progresso do ensino. Mais simples e mais sinceros, mais preparados e mais acessiveis, são elles em sua maioria conhecedores de seu *metier* e capazes de bem desempenhá-lo. Mas elles se sentem tolhidos e seus movimentos não são livres. As difficuldades provêm de um lado da má organização das escolas e de outro da deficiencia numerica de auxiliares de ensino capazes. O pessoal docente de nossas faculdades está ainda hoje contido em quadros quasi identicos aos que foram creados ha muitas dezenas de annos atrás. As necessidades crescentes do ensino, provenientes da maior complicação das coisas a ensinar e do augmento de la vez mais accentuado do numero de alumnos, nunca foram attendidas como deviam. O que pode

fazer em materia de ensino experimental, um professor de Physica ou de Physiologia com um ou dois preparadores deante de quatrocentos ou quinhentos alumnos? Como estabelecer, dirigir e acompanhar trabalhos e manipulações de tão grandes turmas com tão pequeno numero de auxiliares? Nessas condições o ensino pratico deve forçosamente se limitar a demonstrações geraes de experiencias que possam ser assistidas por todo o publico de um grande amphitheatro, mas quando se quer descer ás experiencias delicadas só accessiveis a pequenos grupos de assistentes, impõe-se irrevogavelmente a impossibilidade material de fazel-as.

Além disso, e neste ponto já tenho insistido em varios escriptos anteriores, as nossas escolas estão submettidas ao regimen commum das repartições publicas, isto é, a um systema cujas bases não são estabelecidas tendo em vista a organização do trabalho e sim evitar o desvio dos valores e dos bens publicos. Os nossos regulamentos, codigos e regimentos partem todos da idéa de ser o nivel medio da moralidade extremamente baixo entre nós, e assim tratam de crear meios dos mais estreitos e apertados para que se possa exercer uma forte e severa fiscalisação em tudo que diz respeito ás questões materiaes. Applicados ás escolas e faculdades, onde ha necessidade de uma acção rapida, onde todos os dias surgem segundo o desenvolvimento dos estudos, necessidades impossiveis de prever, taes regulamentos dão pessimos resultados. Quando exerci interinamente o cargo de director da Escola Superior de Agricultura, resumi as minhas impressões nesse sentido ao Ministro, dizendo: Ou o nosso nivel geral de moralidade é realmente tal que se impõe o regimen actual, e então pergunto se podemos ter escolas superiores, estabelecimentos que presuppõem um determinado gráo de civilisação ao qual neste caso ainda não attingimos, ou isso assim não se passa e fazer o que actualmente se faz é um crime. Os professores e directores actuaes lutam pois contra um estado de coisas deante do qual pouco podem fazer. Na verdade o grande ensino não se improvisa. Elle necessita de uma longa preparação, material, intellectual e mesmo moral. A primeira é a mais acessivel, a mais facil, depende em grande parte de recursos financeiros. Bastou que alguns professores e mesmo alguns estudantes viajassem: immediatamente se implantou a idéa que não poderíamos continuar sem laboratorios. O segundo foi mais difficil. Foi necessario romper com longas tradições, esquecer o nosso passado que obedecia a idéas differentes, e correspondia a um estado primitivo, destituido de espirito scientifico, e orientado de modo muito diverso do que se pode admittir hoje. Foi preciso crear uma mentalidade nova e isso custa muito. Assim mesmo nota-se um progresso consideravel. Principios directores constituindo quasi um achado custoso e diffi-

cil para os homens que ha vinte ou trinta annos se iniciavam nos estudos, são hoje correntes, estão na mente de todos, são idéas communs. Nem sempre elles são bem comprehendidos, e não raras vezes, sente-se, quando se procura aprofundar um pouco as opiniões, serem elles repetidos com enthusiasmo, mas sem terem sido incorporados profundamente á consciencia collectiva. Ainda existem deformações e falhas. Mas outrora, elles eram totalmente ignòrados, desprezados ou combatidos. E já não é pequeno o caminho andado. Os problemas estão na consciencia de todos, e se as soluções são ainda só parciaes e incompletas, já é muito que elles sejam postos. A preparação moral, a dependencia em que essas questões estão do estado geral da sociedade, da administração, da politica, em um palavra, as relações do problema do ensino com os outros, caracteristicos da organização social, tudo isso é ainda mais lento.

*
* * *

Quando se considera o ensino do meu tempo e o actual, notamos uma differença essencial em um determinado ponto. Outrora só dispunhamos das faculdades superiores acanhadas e atrasadas. Hoje já se contam com instituições fóra das escolas, que por sua organização e capacidade contribuem poderosamente, de modo directo ou indirecto para a melhoria geral das condições do ensino. Ninguem pode avaliar o que representa de progresso uma instituição como a de Mangueiros. Organizado em principios muito mais largos e intelligentes que as faculdades, gosando de uma autonomia administrativa relativamente grande, que lhe faculta consideravel liberdade de acção, nesse instituto se cultiva intensamente o espirito de pesquisa. Conquanto o numero de trabalhadores que nelle possam exercer sua actividade seja bastante limitado, os beneficios desse trabalho se fazem sentir em toda a parte. Algumas duzias de jovens que, com o fim de preparar uma these ou de seguir um curso especializado de Microbiologia, ou simplesmente tendo em vista elucidar um determinado ponto, passam algumas semanas ou alguns mezes frequentando os laboratorios de Mangueiros, sahem profundamente modificados. As instituições dessa natureza formam um padrão, constituem um guia, e cream possibilidades. Os reflexos de seus methodos de trabalho se fazem sentir profundamente.

BASES DE ENSINO EXPERIMENTAL

Para não alongar por demais estas considerações, resumamos os pontos essenciaes. O ensino experimental, caracterizado pela pratica e exercicio dos methodos de pesquisa e de estudo, obrigando o alumno a uma attitude activa que o educa e lhe forma a personalidade, impõe-se como uma necessidade inilludivel, substituindo-se ao ensino exclusivamente verbal e theorico. Um ensino dessa natureza crêa complexas necessidades, materiaes, intellectuaes e moraes. Grande esforço tem sido feito, mas é necessario reconhecer que apenas iniciámos as modificações de habitos profundamente enraizados. Esse esforço precisa ser mantido sem desfallecimentos e conduzido collectivamente sem agitações excessivas e prejudiciaes. O desenvolvimento do ensino experimental depende mais de uma lenta evolução e apeifeioamento dos espiritos e das instituições, que de reformas, quasi apressadas. A criação de institutos especiaes de pesquisas e de faculdades de sciencias permittirá aos poucos a formação de personalidades superiores em maior numero, animadas de profundo e são idealismo, comprehendendo a importancia da função da sciencia nas sociedades modernas e encontrando na dedicação exclusiva á actividade scientifica uma digna e nobre finalidade de vida. Enfim é indispensavel, e para isso é preciso contar com o tempo, uma modificação de nossas normas e leis actuaes, no sentido de uma melhor organização material e administrativa. É preciso que se forme gradativamente um ambiente propicio, tranquillo e consciente de todas as necessidades do estudo e do progresso intellectual e moral. É o ambiente universitario por excellencia, onde floresce o verdadeiro espirito universitario, sobre o qual tanto se tem fallado ultimamente, e para o estudo do qual eu me permitto enviar o leitor aos escriptos de meu irmão, o Prof. Alvaro Ozorio de Almeida.

Se pude levar o leitor á conclusão que o estado actual do ensino é muito deficiente, mas que é provisorio, representa apenas um passo na evolução natural das coisas, e que mais vale por uma meditação calma e tolerante, admittil-o em parte como é e concentrar os esforços no sentido de apressar sua evolução sem precipitação e evitando agitações desordenadas, em que as energias se gastam sem resultados apreciaveis, e, mais, se pude leval-o a esperar com confiança em um futuro que se approxima talvez rapidamente, terei attingido o principal fim a que me tinha proposto.



Notas sobre "The Weary Blues"

de Langston Hughes

WILLY LEWIN.

"I am a negro!" Orgulhoso da sua raça Langston Hughes abre o seu livro. Curiosa diferença entre este negro norte-americano e o negro do Brasil! Aqui o mulato não supporta referencia aos seus longinquos ou proximos antepassados de pelle escura. É bacharel, anda de automovel, frequenta os salões da sociedade e é "branco moreno". A nossa amavel falta de preconceitos raciaes liberta-o de todo o vexame. Fal-o nosso igual. É bonito e evangelico tudo isso. Mas despersonalisa o nosso negro. Nos Estados-Unidos a perseguição atroz movida contra o negro encurrela-o como uma féra humilhada num fojo de soffrimento. Elle chora e traduz o seu pranto nos "blues" e nos "spirituals". Torna-se poeta e começa pouco a pouco a bemdizer a tortura que lhe inspirou tanta cousa bonita. Ao mesmo tempo afasta-se orgulhosamente do branco que o repelle. É essa "impermeabilidade do negro á civilização occidental" de que nos fala Teixeira Soares, em agudo ensaio sobre Vachel Lindsay, publicado nesta mesma revista. Somente Teixeira Soares se equivoca (parece-me) quando procura estender uma identica impermeabilidade ao negro brasileiro, citando como exemplo o character africano dos maracatus e xangôs nordestinos. Eu concordo com o character africano das nossas festas populares. Mas, ou pela ausencia de perseguições movidas contra o nosso negro, ou pela falta geral de cultura que o caracteriza, essa impermeabilidade manifesta-se aqui de uma maneira inconsciente. O negro estadunidense "sabe" que veio da Africa. Embora nascido na America, filho de paes já americanos, considera-se um eterno exilado numa terra estrangeira. Não procura escondel-o. Langston Hughes grita:

"I am a negro:
Black as the night is black,
Black like the depths of *my Africa!*"
(*Poem*)

Que importa o ambiente civilizado e dinamico que o cerca! Hughes parece integrar-se neste ambiente e começa:

"We cry among the skyscrapers..."

Alguem o observa de muito longe. Hughes continua:

"As our ancestors
Cried among the palms in Africa."
(*Afraid*)

Hughes, "entre os arranha-céos", exclama:

"All the tom-toms of the jungles beat in my blood!"
(*Poem*)

Hughes, "entre os arranha-céos", declara:

"I'm afraid of this civilization
So hard,
so strong,
so cold."
(*Poem*)

E deseja:

"We should have a land of sun,
Of gorgeous sun,
And a land of fragrant water
Where the twilight
Is a soft bandanna handkerchief
Of rose and gold,
And not this land where life is cold."
(*Our Land*)

De vez em quando, no seu orgulho de humilhado, uma vontade terna de aproximação:

"I do not hate you
For your faces are beautiful, too."
Yet why do you torture me,
Ó, white strong ones,
Why do your torture me?"
(*The White Ones*)

A repulsa é, porem, fatal. Hughes afasta-se novamente. Pede consolo ao jazz. Os brancos divertem-se ouvindo o jazz. Hughes chora escutando o jazz. Nos "cabarets" nocturnos do Harlem os "saxs" e os banjos commovem-n'o. Hughes talvez se embriague lyricamente para abafar o soffrimento. Sente o mundo girar:

"The rythm of life
Is a jazz rythm."
(*Lenox Avenue: Midnight*)

"Os "civilizados" não comprehendem que alguem chore ouvindo o jazz.

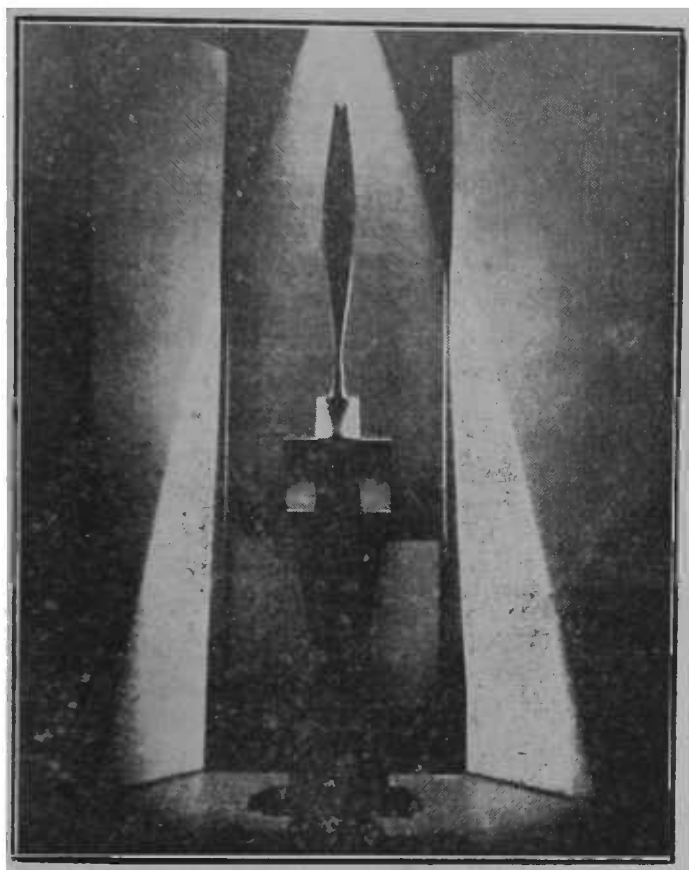
Langston Hughes pergunta-lhes:

"Does a jazz-band ever sob?"
(*Cabaret*)

E num triste commentario ironico:

"They say a jazz-band's gay."
(*Cabaret*)

O Passaro de Brancusi



*Une flamme de bronze se sculpte,
Jaillit vers l'azur:
Ah! c'est un oiseau!*

N. P.

Este maravilhoso "hai-kai" exprime o espanto da admiração de ver a chamma de bronze esculpir-se, movida pelo impeto de tornar-se a forma de uma realidade viva. E a chamma de bronze eleva-se, projecta-se no azul. Subitamente a poetisa, tomada de surpresa deante do milagre, exclama: Ah! é um passaro! Encanto transcendente da metamorphose!

Nenhuma synthese traduziria com tanta magia o mysterio do *Passaro* do esculptor rumeno Brancusi. A illustre senhora N. P. revela nesta impressão breve, que é o "hai-kai", segundo a formula do poeta japonéz, do seculo 15, Arakida Moritaki, o segredo do "espírito do vôo".

Ronald de Carvalho, grande poeta pelo genio e pela sensibilidade, passou para a nossa lingua o surprehendente pequeno poema:

*A chamma de bronze modela-se,
Solta-se no espaço:
Ah! é um passaro!*

Hermann Keyserling

RENATO ALMEIDA

O Conde Hermann de Keyserling, que nos visitará ainda este mez, é a figura mais curiosa de pensador moderno. Não se pôde dizer que tenha uma philosophia, pois elle se oppõe, exactamente, ao excesso de sabedoria, de que acredita estar intoxicado o espirito, e nos apresenta um systema de acção, pelo qual o homem se tornará adequado á realidade. Precisamos tanto de abandonar a abstracção pura como o materialismo grosseiro, incapazes ambos de evitar a decadencia da civilização. Na harmonia desses dois elementos, que chamaremos espiritual e material, está a sabedoria, que o philosopho de Darmstadt vigorosamente preconiza.

Depois de ter estudado os caracteres das civilizações, que encarnam Occidente e Oriente, conclue que o homem do futuro deverá restaurar a sua unidade, pela critica, isto é, pelo aproveitamento de todas as forças metaphysicas, que constróem o espirito. É necessario perceber a totalidade da vida, o que não se conseguirá pela razão secca, nem pela materialidade esteril. Far-se-á appello a todas as forças da consciencia, que terão de fundir a intelligencia e o espirito. Sabemos demais e precisamos compreender. A philosophia passou a ser uma formula de idealizações, afastada da vida e portanto inutil. É preciso vivificá-la. A civilização occidental é do chauffeur, a oriental da contemplação. Se as adaptarmos, nascerá um mundo novo. "Só um conhecimento agudo e claro salvará o nosso tempo." Para isso recorre-se á philosophia, como sabedoria, vital e practica, quer dizer "a capacidade de ver as coisas na justa perspectiva." Essa sabedoria, Keyserling explica como sendo um poder criador, indifferente ao modo theorico de dispor as coisas do universo, porque "o que importa é que o sentido, de um lado, seja compreendido profundamente, e, do outro, seja impellido á vida, o mais completo possivel." Não é um systema novo, mas um novo estado de espirito. "*O sabio é o que está collocado no seu lugar devido*", exclama o pensador. Mas, não esqueçamos que a sabedoria significa também a capacidade para a magia, que transforma a vida pelo espirito. Com esses elementos, teremos de actuar. Estamos claramente diante de um anti-racionalismo, pelo menos de um pensador que oppõe á rigidez do conceito racional a maleabilidade do sentido. Nisso acompanha as tendencias geraes do pensamento moderno. Depois de Kant, o racionalismo se encaminhou resolutamente para o scepticismo, que Comte avigorou com o *ignoramus et ignorabimus*. Por um instante, bus-

cou a doutrina encontrar na sciencia a certeza que a philosophia lhe negava, mas também a sciencia se esquivou, uma vez que preferiu construir sobre a hypothese, que lhe evita as derrotas. E forças espirituaes novas, como a intuição de Bergson, ou o sentido de Keyserling situaram diversamente o problema. Mas em que consiste esse *sentido* do philosopho allemão? Admittido que não existe da vida senão o subjectivo e o pessoal, Keyserling affirma que o sentido, como o entende, "corresponde ao que domina a antinomia do racional e do irracional. Se escolhi esse termo ao invés de qualquer outro, é que a plenitude do sentido comporta naturalmente alguma coisa a mais do que a simples conformidade com a razão." O sentido está além do racional e do irracional e só pela consciencia é que o homem é, em ultima analyse, Espirito e, por conseguinte, o principio, mesmo que confere o sentido.

Não será muito clara a explicação desse sentido indefinivel por essencia e que é como a atmosfera da coexistencia espiritual. A vida é um dado da consciencia e a humanidade vive em nós. Keyserling, afastando-se do exclusivismo das tendencias geraes, que Oriente e Occidente representam, fugindo tanto do dilettantismo philosophico quanto do conceito mecanico da vida, reclama o soerguimento da nossa consciencia até á comprehensão total do mundo, fundindo todas as forças espirituaes. Não estamos, portanto, diante de um systema pragmatico, mas em presença de uma philosophia espiritualismo, cujo effeito provem do jogo claro-escuro na zona do sentido.

O interesse do pensamento de Keyserling não estará na sua construcção, mas na intensa suggestão que decorre da conformidade com a vida. Com o merito de renovar a energia espiritual, embora numa forma imprecisa, a sua philosophia tem o vigor da acção e é uma pesquisa incessante da propria personalidade. A idéa religiosa é que não pôde ser relativa, porque nisso estaria a sua destruição. O sentido de Keyserling substitue na idéa da fé, unica capaz de harmonizar todas as forças espirituaes em ascensão para Deus. O espiritualismo puro é incapaz dessa sabedoria almejada, que o espirito só attinge pela baetitude, em que a razão exalta o sentimento e o transfigura na fé, pelo milagre da graça. Além dessa comprehensão variavel do pensador de Darmstadt, que deflagra ao contato do espirito com a realidade, ha o entendimento divino, que permanece ao fundo da consciencia e a explica, para justificar a vida.

O Eclipse do Sol de 9 de Maio de 1929 e a theoria de Einstein

P. A. R.

Desde a antiguidade que os eclipses de sol causam vivo interesse aos povos. Com o correr dos tempos o interesse por estes eclipses foi mudando, mas sempre continuou com a mesma intensidade.

Vejamos por exemplo o que conta Fontenelle á sua marquezia.

“Je suis fort étonnée, dit la marquise, qu’il y ait si peu de mystère aux éclipses, et que tout le monde n’en devine pas la cause.



Einstein

— Ah! vraiment, répondis-je, il y a bien des peuples qui, de la manière dont ils s’y prennent, ne la devineront encore de longtemps. Dans toutes les Indes orientales on croit que quand le Soleil et la Lune s’éclipsent, c’est qu’un certain Dragon, qui a les griffes fort noires, les étend sur ces astres dont il veut se saisir; et voyez pendant ce temps-là les rivières couvertes de têtes d’Indiens qui se sont mis dans l’eau jusqu’au cou, parce que c’est une situation très dévote selon eux, et très propre à obtenir du Soleil et de la Lune qu’ils se défen-

dent bien contre le Dragon. En Amérique on était persuadé que le Soleil et la Lune étaient fâchés quand ils s’éclipsaient, et Dieu sait ce qu’on ne faisait pas pour se raccommoier avec eux. Mais les Grecs, qui étaient si raffinés, n’ont-ils pas cru longtemps que la Lune était ensorcelée, et que des magiciennes la faisaient descendre du ciel pour jeter sur les herbes une certaine écume mal-faisante? Et nous, n’eûmes-nous pas belle peur, il n’y a que trente-deux ans (en 1654), à une certaine éclipse de Soleil, qui à la vérité fut totale? Une infinité de gens ne se tirent-ils pas enfermés dans des caves? et les philosophes qui écrivirent pour nous rasurer, n’écrivirent-ils pas en vain ou à peu près? ceux qui s’étaient réfugiés dans les caves en sortirent-ils?”

Passou a época em que os eclipses eram phenomenos misteriosos.

Grande importancia se deu tambem aos eclipses para fixar datas quando elles precediam ou succediam a acontecimentos notaveis. Isto serviu varias vezes á historia como por exemplo a determinação da data da morte de “Luiz — o Bonachão”. A sua morte se deu nas vespéras da Ascensão, algumas semanas depois do eclipse de 5 de Maio. Este eclipse tendo se dado em 840, facil foi a determinação da data do fallecimento do Rei.

“Bouasse” diz até que a chronologia de alguns eclipses mede a confiança que se pode ter em um historiador.

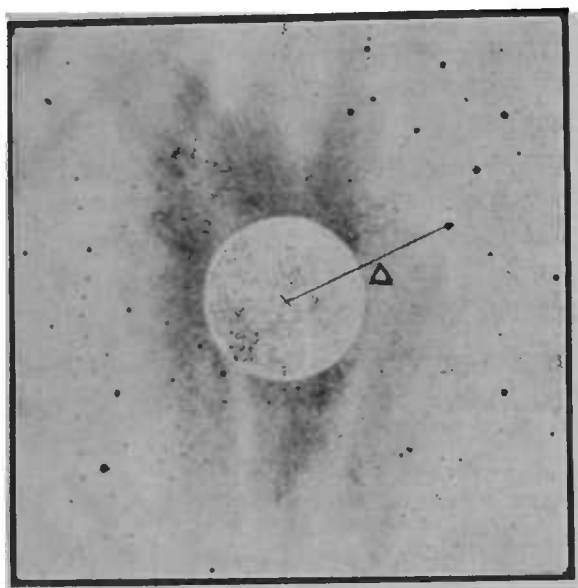
Nos ultimos tempos o valor principal que demos a este eclipses é de ordem scientifica. Varias são as observações interessantissimas que colhem os sabios por occasião dos eclipses do sol e, as mais importantes levadas a effeito nos ultimos eclipses, são sem dúvida as que pretendem verificar a correspondencia dos phenomenos previstos pela theoria de Einstein e os phenomenos observados com os meios de que dispomos.

É esta a causa da importancia dada ao eclipse de 9 de Maio.

Este eclipse que foi parcial numa faixa que tem

como limite Norte, parte do sul da Africa e da Asia, até o norte do Japão, e Sul, o Sul do Oceano Indico e sul da Australia, teve a sua faixa de totalidade quasi toda em mar, partindo do sul do oceano Indico um pouco abaixo de Madagascar, atravessando este oceano de sudoeste a nordeste, passando no nordeste da ilha de Sumatra, em Malaca, algumas ilhas Philippinas e terminando no Oceano Pacifico um pouco ao norte da nova Guiné.

As observações principaes foram em Fedan (Sumatra), Manilha, Cebu e Panay (Philippinas) e Singapura. De todas as que parecem ter sido mais felizes foram as de Panay, cujas photographias são reputadas



Schema I

as mais perfectas até então obtidas. Nos outros pontos, umas observações são consideradas como de valor scientifico duvidoso, noutros o eclipse não tendo sido total apresentam tambem menor valor.

A expedição naval americana tirou tambem durante o eclipse, em aeroplanos, photographias voando entre 1.500 e 3.000 metros.

O eclipse começou do sul da Africa ao nascer do sol e ao norte da Nova Guiné ao pôr do sol.

Nos ultimos eclipses as principaes observações tiveram em vista a verificação de uma das consequencias da theoria de Einstein, a ponderabilidade da Luz e a consequente acção da gravitação sobre ella.

Uma vez que se verifique a existencia do desvio do raio luminoso de uma estrella, na sua passagem proxima ao sol, e este desvio tenha o mesmo sentido e ordem de grandeza que o previsto pela theoria, isto lhe traz um forte apoio da experiencia.

Não será naturalmente uma demonstração de sua validade logica (aliás quanto a esta parte, hoje, a theoria de Einstein é julgada por todos impeccavel), pois a experiencia pôde e deve votar as leis da sciencia mas tendo a logica e o bom senso o direito do veto.

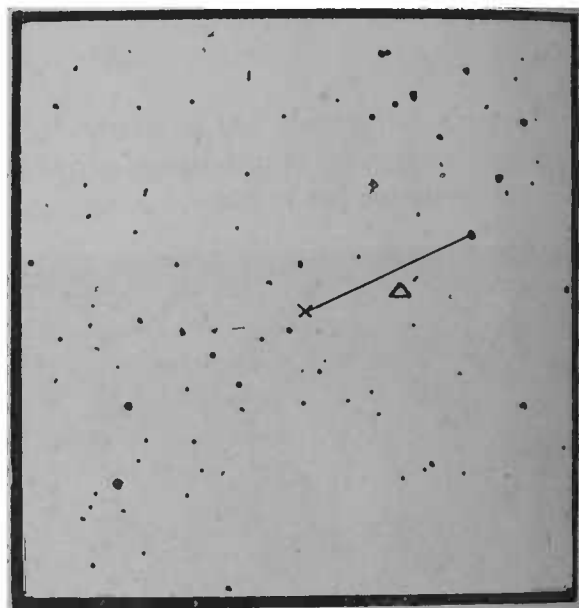
Teia-se procurado, pois, verificar varias das con-

sequencias e entre ellas esta do desvio do raio luminoso, o que se resume no seguinte:

Tiram-se photographias no momento do eclipse sendo então gravados o sol e varias estrellas que se acham na mesma direcção e que ficam visiveis no momento do eclipse.

Obtem-se assim photographias como as do schema I.

Um certo tempo, antes ou depois do eclipse, quando nem o sol nem a lua impedem a visibilidade das mesmas estrellas photographadas, tiram-se novas photographias com as do schema II.



Schema II

Por comparação das photographias I e II tem-se o desvio das imagens, relativos ao centro do sol do schema I.

Nos eclipses de 29 de Maio de 1919 e 21 de Setembro de 1922, o primeiro tambem observado no Brasil, os desvios foram observados no sentido previsto pela theoria, e com ordem de grandeza aproximadamente igual.

É preciso notar que a determinação destes desvios alem das numerosas correcções que exige, quer dos erros devidos a phenomenos perturbadores, quer devido a erros instrumentaes, é grandemente difficil dado o seu pequeno valor (da ordem 5 micra), e sua grandeza relativa á imagem das estrellas (3 a 10 vezes menor).

Deste ultimo eclipse ainda nada ha publicado, e são estas noticias que anciosamente esperam os physicos e astrónomos. Alguns destes se contentarão com a concordancia dos resultados observados com os valores previstos, outros, como faz notar F. Crore em optimas criticas na *Revue Générale des Sciences*, ainda objectam a possibilidade de coincidência, devido a possiveis erros das observações. E assim persistirá a duvida, causa de todos os grandes progressos da sciencia.

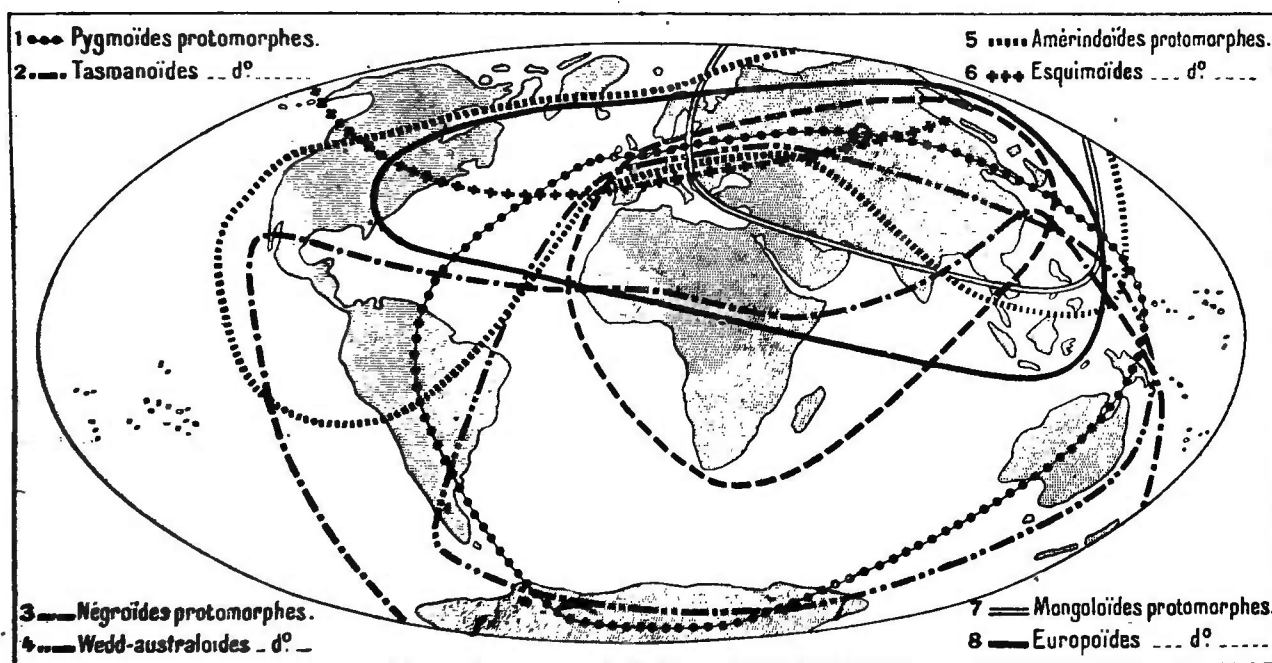
A Ologeneze

Uma nova theoria da origem da vida — As idéas de Daniele Rosa completadas por Georges Montandon — A humanidade não teve berço — Todas as especies foram panterrestres.

Foi o professor Daniele Rosa, de Modena, quem lançou a nova theoria sobre a origem da vida e criou a palavra *Ologeneze* (*holos*, inteiro) para significar que a vida nasceu globalmente em todos os pontos da terra, em que foi possível a sua eclosão (1). No anno passado, Georges Montandon, etnologo suíço, membro do Instituto de Anthropologia da França, publicou o seu notavel trabalho, em que applicou a doutrina á especie humana, intitulado *Ologenèse humaine (L'Ologenisne)* — ed. Félix Alcan, 1928. Não será possível, nos limites deste artigo, acompanhar a obra do professor suíço, através das

sobre a terra. Taes teriam sido as condições atmosphericas, ou talvez cosmicas, em dado momento de resfriamento do globo, que a vida poderia e deveria ter nascido ahi, em toda a superficie, em myriades de milhares de pontos e num espaço de tempo determinado. A vida hoje talvez não possa ser produzida mais no laboratorio nem os sonhos entrevistados pelas experiencias com os ultra-microbios se realizem. A vida só nasceu uma vez, porque (como no simile da aurora) as condições para esse nascimento só se deram uma vez no começo dos tempos da terra. E refere Montandon, em apoio da these, o

COMO SE FEZ O POVOAMENTO DA TERRA SEGUNDO A OLOGENESE



Uma superficie de partida (toda a Terra) depois superficies secundarias de partida (admittem-se oito) cavalgando umas sobre as outras, mas todas synchronicas, concentrando-se á medida que, para cada uma dellas, se precisa o tipo racial.

quatrocentas paginas do seu alentado volume. Queremos apenas, a titulo de divulgação, expôr os pontos essenciaes da nova doutrina, a que já se referiu, entre nós, o professor Rorgette Pinto, em artigo publicado no "Diario Nacional", de São Paulo, de 17 de fevereiro ultimo.

A IMAGEM DA ECLOSÃO DA VIDA.

É o orvalho, provocado pela mudança das condições atmosphericas que cãe em milhões de gotas. Não é um accidente, mas phenomeno generalizado, sempre identico. Não se produz contudo, num só momento, e sim em determinado lapso de tempo. Nascem as gotas umas depois outras, ou em logares diversos. São sempre identicas. Assim teria apparecido a vida

facto do sol ter sido antigamente uma estrella azul, mais quente, emittindo raios chimicamente activos, azues, violetas e ultra-violetas, que deveriam transformar as combinações inorganicas em materia viva. Hoje o sol é uma estrella-amarella, na sua idade-media.

OS POSTULADOS DA OLOGENESE

Montandon assim classifica os postulados da doutrina de Rosa:

- 1.º — a vida nasceu globalmente em toda a extensão da terra, em que a sua eclosão foi possível.
- 2.º — polygenese de individuos de uma monogenese de

(1) A obra de Daniele Rosa appareceu em 1918 e intitula-se: *Ologenesi — Nuova teoria dell'evoluzione e della distribuzione dei viventi.*

tipo, isto é, todos os seres pertencem a uma mesma especie, primeira combinação chimica viva, da qual se derivam os organismos vivos, plantas e animais.

3.º — todas as possibilidades futuras são contidas em germen na primeira particula viva, tendo cada um desses primeiros organismos vivos propriedades e possibilidades semelhantes ás do vizinho.

4.º — cada especie se reproduz, durante certo tempo, segundo o mesmo tipo, até chegar ao periodo de *maturação*, quando os individuos da especie-mãe vão morrendo e dando origem a 2 especies-filhas, diferentes della. Até á maturação evoluem apenas os caracteres variaveis e naquelle momento a transformação é subita.

5.º — cada dichotomia produz duas especies novas de valor desigual, uma dellas, *precoce*, porque chega mais rapidamente ao desenvolvimento que a espera; enquanto a outra, *tardia*, attingirá a um tipo mais elevado, em mais tempo porém.



O amer-anthropoides Loysi

As duas series (phylum) gêmeas nascem sempre simultaneas, nunca symetricas.

6.º — as novas especies precisam de um periodo cada vez maior para chegar á maturação e, em dado momento, não lhes será mais possível a dichotomia e attingem á etapa terminal que, ramo precoce ou tardio, não se desenvolverá mais e persistirá assim até á morte. Este postulado é da *bathysinphylia*, da extinção progressiva do poder divisorio.

7.º — o povoamento da terra não se fez por migrações, mas as especies primeiras tendo occupado a totalidade da superficie habitavel, as especies-filhas tiveram reduzido seu *habitat* á medida das diferenciações dichotomicas.

RESULTADOS DA OLOGENESE

A ologeneze, como explica Montandon, concilia as duas grandes theorias, da monogenese e da polygenese: a theoria da translação dos continentes vem apoiada. O resultado da ologeneze é que a descendencia de uma especie qualquer, diga-

mos da humana, que nos interessa mais de perto, não é comparavel a uma arvore genealogica. Se partirmos do solo, seria mister virar a arvore, o tronco no ar, ou comparar essa descendencia a uma piramide, pelo que se consideram os individuos, não pelo numero, mas segundo a area que occupam. A arvore naturalmente posta ou a piramide virada são imagens justas, quando se considera o numero das especies (e dos individuos) derivando uma da outra. Mas, muitas das especies havidas como descendentes são especies-irmãs, embora mais desenvolvidas, vindas todas de uma origeni commum.

Por fim, affirma, a ologeneze satisfaz á condição necessaria a uma theoria: explica todos os phenomenos a que se reporta.

A ORIGEM DO HOMEM.

A explicação da evolução das especies nos dá conta do apparecimento do homem, tambem ologeneticamente, ou seja sobre toda a terra, como nasceram todos os seres. Na escala dos primatas, encontramos lamurianos, ou "falsos macacos", macacos platyrhinos, catarhinos, anthropoides, depois os hominidos (como o pithecanthropo), os hominios (como o hominio Neanderthal) e o homem. Os tres ultimos não descendem do macaco, na sua fórma actual, mas de seres intermediarios entre o homem, o macaco e o lemuriano. Na familia dos Hominidos houve tres generos: Pithecanthropus, Australopithecus e Homo. Pela dichotomia ologenetica do terceiro genero, nasceram os oito tipos anthropologicos, ou grandes raças, a saber: Pygmoide, Tasmanoide, Negroide, Vedda-Australoide, Amerinoide, Esquimoide, Mongoloide, Europeoide, que deram vinte raças.

Isso posto, vejamos o ponto essencial da doutrina: NAO HA BERÇO DA HUMANIDADE. A especie humana nasceu simultaneamente (mas não polyphyleticamente) numa grande parte das terras. Todas as especies foram *panterrestres*, na época do nascimento, depois dos desdobramentos do homem primitivo nas grandes raças, estas, partindo de enormes areas, se concentram em logares mais reduzidos, ao mesmo tempo que os seus caracteres se iam precisando.

As migrações não representam senão movimentos em linhas interiores, na superficie do globo, onde o homem, sob uma fórma racial ou outra qualquer — todas as raças têm a mesma origem — é sempre autochtone.

Uma das duas primeiras sub-especies que, numa immensa superficie, representam a especie humana, era a grande raça (sub-especie) pigmoide, precoce e terminal, e a outra grande raça, extincta, ancestral de todos os homens de estatura normal. Nova dichotomia na especie, dividiu os homens em meridionaes (ramo precoce) e septentrionaes (ramo tardio), ambos extinctos, mas os dois descendentes do meridional, um, precoce, tornou-se o tasmanoide e o outro, tardio, o negroide. Do bloco septentrional, vieram os vedda-australoides, os americanoide e os ramos amarelos e branco. Daquelle provem o grande ramo mongoloide e deste os lapanoide. As sub-divisões se multiplicaram pela mestiçagem, pelas condições do meio, pelo desenvolvimento de certos caracteres etc.

O CASO DA AMERICA.

No ponto de vista somatico-genealogico, escreve Montandon, o elemento commum ás raças americanoide se constituiu na America ou em qualquer outro ponto. É, pois, necessario perguntar, não se o ameridiano se formou na America, mas se o ameridio se formou tambem na America, pois que a

grande raça ameríndioide, ancestral dos ameríndios, não se pode formar senão na América, em área maior do que a representada pela América actual.

O AMER-ANTHROPODES LOYSI

Foi assim que Montandon, depois da publicação do seu livro, batisou o primeiro macaco anthropoide descoberto agora, na América, nas florestas da Venezuela, perto do rio Cataumbo, pela expedição geológica, dirigida pelo dr. François Loys, facto que noticiamos no nosso ultimo numero. Infelizmente, não foi possível conservar o precioso anthropoide, fema do casal encontrado, e que foi morta, tendo o seu companheiro se embrenhado nas selvas e se perdido. Mas foi photographado, como se vê no cliché que reproduzimos, da *Illustration*. Média 1m. 35 a 1m. 50, tinha 32 dentes, facies

humano e sem appendice caudal, o que se verifica pela primeira vez. Outros característicos são também curiosos, mas, como foi encontrado por uma expedição geológica, apesar do seu chefe ter logo estimado o valor scientifico desse anthropoide, não foi possível conservá-lo para estudos posteriores. O cosinheiro da expedição poz a sua cabeça numa lata de sal, mas decompoz-se inteiramente, salvando-se apenas uma mandíbula.

Que importancia terá para as conclusões ologeneticas o encontro do *Amer-anthropoides Loysi*? Mas o principal é organizar uma expedição para explorar aquella região e procurar outros especímenes da raça, para o que se appella para Museu de Anthropologia de Nova York, que dispõe de grandes recursos. Porque esse anthropoide poderá trazer muita luz para a doutrina moderna da ologenese, cujas linhas geraes tentamos divulgar neste artigo.

ORGANIZAÇÃO SCIENTIFICA E PHYSIOLOGICA DO TRABALHO HUMANO

O assumpto de ha muito tem sido estudado e podemos remontar a Gallileu, que teve a curiosidade de applicar seus estudos sobre as principaes machinas simples ao organismo humano. Successivas tentativas foram feitas até o methodo do engenheiro americano W. Taylor — o taylorismo — visando o augmento da producção, o que não contraria, mas não é o mesmo que o augmento do rendimento humano, objecto da physiologia do trabalho.

Taylor propoz-se a encontrar as condições de trabalho que permitirão ao operario dar um rendimento maximo com o minimo de fadiga, isto é, applicar ás machinas e ao homem a formidavel lei economica: effeito maximo com esforço minimo. Para isso é mistér:

1.º) modificar as machinas;

2.º) seleccionar a mão de obra, afastando os operarios que, ao fim de certo tempo, se mostrassem incapazes de produzir uma somma dada de trabalho;

3.º) estudar elementarmente as operações, isto é, decompor (analysar) um trabalho até os elementos mais simples, de que é o resultado, e, com o auxilio de um chronometro, escolher o methodo mais rapido de fazel-o, afim de suprimir os movimentos inuteis, falsos ou muito lentos;

4.º) instruir os operarios, ensinando-lhes, sempre que fôr fixada a technica melhor para um trabalho e adoptal-a como standard;

5.º) Determinar as tarefas e premiar os que as cumprirem exactamente.

A primeira e principal objecção ao taylorismo é a sua rigidez, que faz do operario um automato, stereotypando os seus gestos, standardizando a sua acção, sem levar em conta dos modificações que a vida physiologica traz cada dia ao organismo. Elle esqueceu o factor humano, de sorte que hoje, nos Estados-Unidos sobretudo, ha um grande esforço para attender ás condições pessoas e de saude do operario. Na Europa também a organização scientifica do trabalho é assumpto que preoccupa a hygiene social e o "Bureau International du Travail" criou o Instituto internacional para a organização scientifica do trabalho e grande numero de sabios e technicos estudam o problema. Na Inglaterra, sob os auspicios da "Industrial Fatigue Research Board" trabalham, entre outros, os srs. Atzler, Biondi, Buyse, Ferrannini, Frois,

Giesse, Ioteyko, Lahy, Langlois, Lipmann, Moede, Myers, Patrizi, Piorkowski e Wilson. Nos Estados-Unidos merecem particular referencia as investigações de Bedaux, que emprega como unidade de medida a *unidade B*. Um *B* é uma fracção de minuto de trabalho mais uma fracção de minuto de repouso que, reunidas, foram a unidade, variavel nas suas proporções segundo a natureza do esforço. Por fim, varios congressos internacionaes têm estudado o aspecto psychophysiologicalo do problema da organização do trabalho, notadamente em Bruxellas (1903), Berlim (1907), Genebra .. (1920). Barcelona (1921), Milão (1922), Praga (1924), Bruxellas (1925) e Roma (1927). No mez passado, de 19 a 23, reuniu-se em Paris o IV Congresso Internacional de Organizações Scientificas do Trabalho, para diffundir no mundo as idéas modernas de organização scientifica do trabalho.

O assumpto comporta ainda varios aspectos, em que não nos podemos deter, com a necessaria minucia. Assim a questão da fadiga, que é o que distingue o homem da machina, enquanto esta pôde trabalhar com igual intensidade, a força muscular humana perde a sua energia com o cansaço que, acumulado, traz varias perturbações morbidas, como a "surmenage", a desnutrição etc. Mas, acontece que o rythmo da machina nem sempre corresponde á actividade do operario, resultando dahi uma perda de acção mecanica inutilizavel. A velocidade da machina é uniforme, mas o operario não pôde trabalhar, na primeira, como na ultima hora. Suggere-se, como solução, diminuir o movimento das machinas á proporção que as horas passam, seguindo uma curva estabelecida pela avaliação exacta da fadiga. Acabar a fadiga é outra preocupação da physiologia do trabalho, recommendando as pausas entre os periodos de trabalho, evitando a monotonia do trabalho, que deprime o psychismo, ou diminuindo a carga (peso de utensilios, trabalho por tarefa etc) afim de chegar ao que os physiologistas chamam o peso maximo final, graças ao qual o valor das contracções, a actividade muscular e o rendimento não diminuem, mesmo se o trabalho é proseguido por muitas horas. Isso Taylor previu, estabelecendo para cada operario uma tarefa proporcional a sua forças e capacidade. Seria preciso também abolir os trabalhos parasitarios, tornando a technica rapida e do maior rendimento. Procurar a technica que não exige senão um consumo minimo de força.

Como pensam os estudantes brasileiros

Ampliando o nosso inquerito, publicamos, neste numero, duas entrevistas com estudantes pernambucanos, de sorte a dar uma impressão de conjunto mais perfeita.

1. EDGAR RAMOS.

O sr. Edgar Ramos é quarto annista da Faculdade de Direito do Recife e foi ouvido pelo nosso representante em Pernambuco, o seu distincto collega Willy Lewin. Começou por affirmar que, em materia religiosa, tem mais desconfianças do que convicções, não se entusiasmando pelo movimento mystico contemporaneo, nem vendo vantagens em restaurar a fé religiosa, pois se afasta da theoria de William Jammes, quando sustenta que para agir é necessario acreditar. Tem da vontade uma concepção opposta e, com Nietzsche, julga que vem de uma tendencia fundamental do individuo, a expansão do sêr, a vontade do poder, que se projecta sob uma fórmula ora physica, ora psychica. Aparece porque existe, sem necessidade de nenhum apoio, de nenhuma certeza moral. Declarou-se depois um positivista moderno, sem os exageros religiosos de Comte.

Em materia social, o sr. Edgar Ramos discorreu longamente, defendendo a these do governo dos mais capazes, como termo final de toda evolução politica. Quando a democracia deixar de ser um instrumento de exploração nas mãos de politicos delinquentes e tomar uma direcção mais scientifica, então teremos uma organização politica. O bolchevismo, o fascismo, as actuaes democracias e ditaduras europés são experiencias sociaes falhadas, que terminarão pela sua propria destruição, por partirem de principios errados, cheios de mysticismos incompativeis com a realidade social. O bolchevismo já se modifica, as democracias negam a liberdade individual, a mais alta conquista da civilização, as ditaduras são passageiros dominios da força, que uma força maior destruirá, para implantar o regime da liberdade na justiça.

Sobre o Brasil, manifestou-se pessimista o nosso entrevistado. Tentamos organizar o paiz, numa atmospheria perigosa de competições pessoaes. Elle está sendo devorado pela mediocridade ambiciosa e as forças constructoras são ainda diminutas. Precisamos esperar algumas gerações e, enquanto isso, contribuir com o nosso esforço maximo para o rapido advento de uma era de liberdade e progresso.

Sobre as figuras que mais influenciaram na formação do seu espirito, citou-nos, em primeiro logar, Anatole France, depois Barbusse, Romain Rolland e Bernard Shaw. No Brasil, foram Machado de Assis, Lima Barreto e Antonio Torres.

Sobre o movimento moderno, declarou não o conhecer bem e, por isso, abstem-se de julgar-o.

Finalmente, em relação ao ensino juridico, disse que é ainda retrogrado e não corresponde ás necessidades actuaes. O formalismo do direito romano deve ser substituido por estudos mais proveitosos da sociologia e da psychologia, sob cujos angulos o ensino juridico muito viria a lucrar.

2. ELPHEGO JORGE DE SOUZA.

Terceiro annista da Faculdade de Direito, foi o sr. Elphego Jorge de Souza, o segundo entrevistado pelo nosso correspondente, Willy Lewin. Convicções religiosas, nos disse, no sentido estricto do termo, não as tem, nem o seu espirito foi formado com a gamma do mysticismo e do transcendentalismo que caracteriza o phenomeno psychico-metaphysico da fé. Considera as religiões simples codigos de moral social, como a sciencia do *talvez*. As suas doutrinas philosophicas o filiam ao materialismo scientifico. É monista com Haeckel, orientado pelas theorias do evolucionismo, da genealogia, da descendencia pela geração expontanea e da selecção natural.

Sobre o movimento social contemporaneo, o nosso entrevistado o encara como a consequencia de um determinismo historico. O bolchevismo é a finalidade das idéas sociaes verdadeiramente logicas; o fascismo é um phenomeno de reacção social sem raizes e insustentavel; a democracia, uma illusão que se desfaz ante a marcha das idéas de dynamismo social, é inadequada ao espirito contemporaneo; as ditaduras européas representam uma phase agonica do reaccionarismo contra a marcha das idéas, são o ultimo brado do feudalismo, já previsto por Mme. de Stäel.

Sobre a solução do problema brasileiro, cuja causa attribue a uma crise profunda de character e de patriotismo, disse que estará na formula de Farias Britto — trabalho racional e educação civica.

Os espiritos que mais influíram na sua formação foram Machado de Assis, Euclides da Cunha, Farias Britto e Ruy Barbosa, nacionaes, e, estrangeiros, Lamarck, Lyell, Darwin, Haeckel, Büchner, Remy de Gourmont, Balzac e Anatole France.

Disse-nos que não conhece o movimento modernista brasileiro. A arte é universal. Sobre o modernismo, como é concebido entre nós, pensa que os seus maiores corypheus ainda não o chegaram a compreender devidamente.

Á nossa derradeira pergunta, sobre o ensino juridico, no Brasil, affirmou que acha dever ser elle racional, objectivo, pratico tanto quanto possivel, tecnico-profissional e sobretudo humano. Preconiza a escola activa.



REPERTÓRIO



A QUESTÃO RELIGIOSA NO MEXICO.

Annunciam os telegrammas que a questão religiosa no Mexico encaminha-se para um accordo definitivo, já tendo sido feito um *modus vivendi*, firmado pelo presidente Portes Gil e por monsenhor Ruiz, arcebispo primaz daquelle paiz, pelo qual ficam assegurados os seguintes principios: attribuição ás autoridades religiosas do direito de designar sacerdotes para os varios cargos da hierarchia religiosa, uma vez inscriptos no registo official, de accordo com os preceitos da Constituição; permissão do ensino religioso nas egrejas; reoccupação dos templos catholicos pelas autoridades ecclesiasticas. Esse accordo representa um grande avanço na pacificação da familia mexicana, estancando uma fonte de divergencias que se iam alastrando odiosamente na nação e perturbando a sua marcha progressiva. A liberdade religiosa pertence hoje ao patrimonio da propria personalidade humana e não se comprehendia o extremismo mantido pelo governo mexicano, suscitando reacções violentas e audazes, no paiz e no estrangeiro. É digno de nota o espirito de boa vontade que, mais rapido do que se acreditava, deram prova o presidente Portes Gil e o partido revolucionario. Sem quebrar com a Constituição, mas dando-lhe a interpretação liberal que o caso exigia ou modificando-lhe certos excessos, esse accordo provisório, que encaminha a concordata definitiva, é o congraçamento da familia mexicana, pelo respeito ao pensamento livre e ao livre exercicio do culto.

A DEMOCRACIA NA AMERICA.

Não é só na Europa que a democracia tem soffrido profundos golpes. Tambem na America a sua sorte se vae tornando adversa. Dois factos o caracterizam na

sua apparente simplicidade. No Chile, este anno, pela primeira vez, o presidente da Republica não compareceu ao Congresso para ler a sua mensagem. O presidente do Senado tambem não se deu ao trabalho de mandar ler-a, allegando que os seus paes recebiam-na impressa. O governo não fez formar, como de costume, a força militar para prestar continencia ao parlamento, na sua instalação, e a sessão inaugural, sempre solemne, teve a duração rapida de cinco minutos.

Na Argentina, a Camara dos Deputados approvou uma moção pela qual resolve, antecipadamente, rejeitar toda e qualquer interpellação feita ao governo. No Senado, igual moção não logrou ser approvada e, em represalia, os senadores personalistas deliberaram não dar mais *quorum* ás reuniões daquelle casa de congresso. Assim, o presidente Irigoyen se investe de poderes excepcionaes, liberto da acção fiscalizadora que a Constituição desse paiz outorga ao congresso. Aliás, a hypothese do presidente vir a fechar o Congresso já foi considerada, não só na imprensa, como no seu proprio seio, e em discurso proferido a 13 do mez passado, um deputado conservador por Buenos Aires, declarou que si o Presidente quizesse fechar o Congresso não devia ignorar que, para adoptar esse gesto despotico, era preciso "ter muita razão, muito ambiente, talento e coragem."

Esses dois factos são de tal fórma eloquentes na sua simples narração, que seria inutil commental-os, insistir no seu significado e mostrar o que representam, o primeiro symbolica e o segundo praticamente, na absorpção do legislativo pelo executivo. Já é inegavel que parece estar passando a hora dos governos representativos, para uma transformação que dê lugar a uma soberania do governo substituindo a fracassada soberania do povo. Mas, nesse caso, qual deve ser a origem desse poder supremo dos governos? Esse é o mais curioso aspecto do problema e a sua solução se estabelecerá de conformidade com o regime social adoptado, em cada estado.

O PARLAMENTO FASCISTA.

As ditaduras europeas procuram se organizar em estruturas politicas e tornarem-se constitucionaes. Surge de novo o parlamento, que foi sempre a grande causa das transformações politicas, justificadas pela desordem que esses corpos legislativos lançavam, dificultando a obra de governo, tornada um jogo perigoso de ambições pessoais e de partido. Assim, a Espanha já organizou a sua Assembléa Geral, e a Italia a sua Camara dos Deputados. Daquelle já tivemos ensejo de falar, numeros atraz. Vamos, agora, analysar a organização e mecanismo desta.

Não se sabe com muita exactidão todo o limite do poder da Camara fascista, pois que o seu Regulamento ainda não está concluido. Já publicamos o modo da sua constituição por plebiscito e vimos que os deputados escolhidos pelo Grande Conselho Fascista são ou não approvados pelas corporações, chamadas a votar. Assim, a Camara é corporativa na sua origem, mas não se mantém nesse character, quando constituída. Porque ella é um órgão partidario do fascismo, um todo harmonico e disciplinado, um complexo nacional, e assim os seus representantes não são de uma ou outra circunscripção. Tambem não são de mandatarios desta ou daquelle corporação. São deputados pela nação. Nenhum deputado pôde defender interesses particulares de uma corporação contra outra, de uma localidade em detrimento de outra. Se o fizer, será immediatamente mandado fóra de Montecitorio. Os interesses nacionaes são considerados indivisiveis.

Não ha maioria nem minoria, nem direita, nem esquerda. Ha fascistas. *Não precisamos de opposição!* exclamou o Duce, certa vez, para significar que o Parlamento deve ser um órgão de cooperação apenas do executivo. Cessou o dogma da soberania do povo e foi substituido pela da soberania do estado, organização juridica da nação e instrumento das suas necessidades historicas. O povo não é soberano, na doutrina fascista,

mas submisso á vontade do estado. Portanto, o novo Parlamento não tem poderes politicos, não pode derrubar governos, nem formal-os, não pôde fazer leis, em summa, não tem independencia. Elle é um órgão de collaboração do governo (no fascismo não ha differenças entre executivo e legislativo, pois as suas funcções se confundem e completam) sendo, sobretudo, consultivo. Assim, o seu parecer deve ser ouvido sobre todas as questões referentes á ordem pública, social, economica, inherentes á constituição do regime. Não pôde rejeitar as leis que lhe são apresentadas, mas apenas melhoral-as. O Grande Conselho, que é o órgão centralizador, por sua vez nas mãos possantes do primeiro ministro, fixou as funcções do Parlamento, numa ordem do dia, em que diz que consistem ellas: 1) na fiscalização e superintendencia de todas as administrações do estado, e notadamente na approvação do orçamento; 2) no exame e *approvação* das leis propostas pelo governo. Assim, o novo Parlamento é um órgão submisso, uma "equipe de servidores zelosos e fieis", como chamou o *Popolo d'Italia*.

É curiosa a aproximação que se poderia fazer do fascismo com a ditadura republicana de Augusto Comte, em que o parlamento se reduz mais ou menos a essa funcção secundaria que lhe deu o fascismo, enquanto o executivo tem a sua acção desenvolvida e livre.

A BÓLIVIA E A SOLUÇÃO DA CONTENDA DE TACNA E ARICA.

Quando noticiamos a solução da contenda de Tacna e Arica, por uma formula que Rio Branco fôra o primeiro a suggerir, em linhas geraes, salientamos que não podia ser completo o accordo, por ter a Bolivia ficado encravada, sem saída para o mar. Assim, uma das consequencias lastimaveis do tratado de Ancón permanecia. Quando o presidente Hoover annunciou a solução do pleito, a Legação boliviana em Washington lamentou o esquecimento das pretensões do seu paiz, tendo-se affirmado, nos circulos officiaes daquela capital, que não havia razão para aquelle protesto, pois que o tratado não impedia futuras negociações a esse proposito entre a Bolivia e o Perú. Em varios paizes, houve demonstrações de desagrado por não ter sido attendida a compensação reclamada pela Bolivia, e disso se fizeram interpretes, no Conselho Nacional de Administração do Uruguay, os srs. Baltazar Brun e Herrera, motivando a demonstração desse Conselho, congratulando-se com a solu-

ção, mas lastimando o esquecimento em que ficou a Bolivia. O ministro do Chile, em Montevideo, na nota que passou ao ministro do exterior, agradecendo as congratulações, fez notar, com grande firmeza, que o Chile não tinha idéa de modificar a sua linha de fronteira, agora definitivamente fixada. No entretanto, o presidente Leguia, segundo "La Razón" de Buenos Aires, teria declarado: "O governo de La Paz não tomou iniciativa alguma pelo seu representante em Lima, mas, se o fizesse, estariamos dispostos a considerar qualquer suggestão boliviana com o espirito o mais amistoso."

A Bolivia, pelo tratado celebrado com o Chile, em 1904, deixava, juridicamente, liquidado o caso, passando, pela letra desse tratado, Antofagasta a ser definitivamente chileno e o Chile, em compensação, e assim o fez, construiria uma estrada de ferro de Arica a La Paz, que transferiria á Bolivia, depois de 15 annos. Obrigou-se tambem a pagar garantias de juros, até 5% sobre o capital que invertia a Bolivia na construcção de outras estradas de ferro, que facilitassem o seu commercio interior, clausula que cumpriu. Além disso, entregou á Bolivia 300 mil esterlinos em especie e tomou a si cancellar os creditos reconhecidos pela Bolivia, por indemnizações particulares ou obrigações que directa ou indirectamente affectassem o litoral. Portanto, não parece que a solução impeça qualquer gestão diplomatica da Bolivia em defesa das suas aspirações. Aliás, no Senado americano, o senador William King, da commissão das Relações Exteriores referindo-se ao caso, disse: "espero que esse accordo não impedirá, no futuro, um novo arranjo que dê á Bolivia um corredor, uma saída para o mar, uma vez que isso beneficiaria por igual os tres paizes." Do ambiente geral, na America, o que se pôde concluir, apesar de muitas vozes apaixonadas e do tom, por via de regra exagerado da imprensa das republicas hispano-americanas, é que não haveria má vontade alguma em considerar o caso da Bolivia, para solução ulterior, que completasse o tratado de 3 de junho.

A REFORMA DO CALENDARIO.

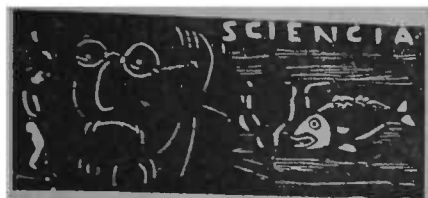
A União Pan-Americana convidou o Brasil para nomear seus delegados, que, de conformidade com o voto da VI Conferencia Internacional Americana, devem estudar a simplificação do calendario, afim de se prepararem para tomar parte na Conferencia Internacional que deba-

terá a materia. De alguns annos a esta parte, a Liga das Nações está estudando o problema, proposto, aliás, muito antes do nascimento desse organismo. O calendario não é coisa immutavel. O calendario gregoriano, de cuja modificação se cogita, data do seculo XVI (1582), tendo sido adoptado pela Allemanha e Hollanda, nos fins do seculo XVII; pela Suissa (protestante) em 1701; pela Inglaterra em 1752 e pela Suecia em 1753. A Bulgaria, Grecia, Rumania, a Servia e a Russia só abandonaram o calendario juliano depois da guerra e a Turquia só adoptou o gregoriano, ha dois annos, em 1927.

Varias reuniões internacionaes têm ultimamente recommendado a reforma do calendario, citando-se, além da VI Conferencia pan-americana, a Conferencia internacional do trabalho, de 1928, a Federação internacional das Associações para a Liga das Nações, de 1928, e a propria assembléa da Liga, na sessão de 24 de setembro de 1928.

São enormes as difficuldades que se apresentam e a Commissão de communicações e transito da Liga, estudando o assumpto, depois de ter desprezado todos os projectos que modificavam o começo do anno, a sua duração ou dividiam o anno em mezes de duração muito differente, fixou tres grupos de reforma. O primeiro se limita a igualar os trimestres, cada um com dois mezes de 30 dias e um mez de 31, e um trimestre com um dia suplementar. Esse grupo tem o defeito de manter a immutabilidade do calendario actual. O segundo e terceiro grupos comportam a introducção de um dia branco (dois dias nos annos bissextos) e estabelecem um calendario perpetuo. No 2.º grupo, ha 13 mezes, de 28 dias cada um e no 3.º, 8 mezes de 30 dias e 4 de 31. A grande difficuldade do 2.º grupo, é a innovação de mais um mez, indivisivel por 2, 3, 4 e 6, que traria grandes embaraços nos costumes e dificultaria a comparação com as datas passadas, estatísticas, etc. No 3.º grupo, os mezes não teriam a mesma duração, não compreenderiam um numero inteiro de semanas, as datas não cairiam nos mesmos dias da semana e a comparação com as datas anteriores, as estatísticas, etc., ainda que menos complicadas do que no grupo anterior, offereceriam um sem numero de difficuldades.

A consulta aos governos e organizações commerciaes mostrou que o systema de 12 mezes é preferido, mas muitas deses se declararam partidarias do anno de 13 mezes, que já é frequentemente utilizado como calendario auxiliar.



A LUZ THERAPEUTICA.

O programma da Semana internacional da luz therapeutica, que se realiza este mez, de 22 a 27, em Paris, é o seguinte:

1. Congresso internacional de actinologia (22, 23 e 24 de julho):

Secção A. — Relatorios e discussões sobre as questões abaixo:

- 1.º — Escolha de uma unidade de medida para os raios ultra-violetas, utilizados em medicina;
- 2.º — Tratamento da peritonite tuberculose pela luz;
- 3.º — Valor prophylatico dos raios ultra-violetas;
- 4.º — Tratamento dos rheumatismos pelos raios infra-vermelhos.

Secção B. — Comunicações sobre os diversos assumptos de actualidade pelos membros adherentes.

- II. Exposição internacional dosapparelhos (de 22 a 27 de julho).
- III. Exposição retrospectiva da luz.
- IV. Conferencias sobre os progressos recentes nas applicações therapeuticas da luz, por sabios de varios paizes.
- V. Demonstrações de technicas experimentaes da physica, physiologia e therapeutica no dominio dos raios ultra-violetas e infra-vermelhos.
- VI. Curso elementar de actinologia.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE CIRURGIA.

Neste mez, reune-se em Varsovia o 8.º Congresso internacional de cirurgia, que discutirá as theses seguintes: *Embolia postoperatoria; Resecção do estomago; Molestia de Basedow; Cirurgia reparadora dos quadris.*

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO SECUNDARIO.

O 11.º Congresso de ensino secundario realiza-se a 11 do corrente, na Haya, com a seguinte ordem do dia: Ensino secundario das meninas; Bureau internacional das Federações nacionaes do pessoal do ensino secundario publico e a Liga das Nações; Bureau internacional e a Cruz Vermelha da mocidade.

CONGRESSO GEOLOGICO INTERNACIONAL.

Reune-se, para o mez, em Pretoria, a 15.º sessão deste Congresso, figurando, na ordem do dia, entre outros, assumptos referentes á geologia da Africa do Sul: *b)* a differenciação dos magmas; *b)* os periodos glaciaes anteriores ao pleistocenio; *c)* o systema de Karoo, sua stratigraphia, paleontologia e distribuição mundial.

A ACTIVIDADE DAS SOCIEDADES ARCHEOLOGICAS.

A actividade archeologica não encontra obstaculos para suas investigações e descobertas. Em Nimes foram descobertas 3 estélas, assim como fragmentos de capiteis e outras pedras com ornamentos architecturaes. Os nomes gravados indicam a origem grega das familias dos mortos.

Em Pompeia, o professor Miauri pôe a descoberto vestigios de inumeros jardins que se achavam á frente das casas, ao mesmo tempo que faz restaurar edificios, mosaicos frescos, á medida que os vae descobrindo.

Na Criméa, o archeologo Nepnihoff, da sociedade russa para o estudo da Criméa, explora o sub-solo de Eski-Kermen, onde se pensa ter existido Dori, a antiga residencia dos Godos, que haviam passado o Danubio para se installar no Imperio Romano. As construcções descobertas se assemelham ás de Toledo. Os ornamentos architectonicos são os do quinto e sexto seculos.

Finalmente, na Chaldeia, na região do Ur, descobrem-se os restos dum guerreiro da época Sargonida (2650 annos antes de Christo). Elle traz seis circulos de ouro em torno da cabeça, collares de ouro e pedras preciosas no pescoço e pesados braceletes de ouro e prata, nos punhos.

Esse tumulto continha tambem grande numero de vasos de cobre e as maiores lanças até aqui descobertas.

Nem os mortos têm repouso eterno...

A SOBRIEDADE.

A sobriedade terá a virtude de prolongar a vida? Não é novo o conceito. Cita-se o caso de Pomponus Atticus que, desesperado da cura, renunciou a tudo, inclusive a comer. Foi o que o salvou. A abstinencia trouxe a bõa saude. O Dr. Coruaro, em livro que ficou celebre, escripto aos setenta e muiños annos, defendia a mesma these, e a pratica da so-

briedade levou-o a mais de noventa annos. Recentemente, um medico naturista, Dr. Carton, sustentava que os membros das ordens religiosas deviam sua longa existencia e ausencia de miserias corporaes a uma sobriedade systematica. Os Benedictinos e os Chartreux excluem a carne. Os Clarisses não tomam, á noite, senão um pouco de cerveja ou café com pão. Durante um terço do anno, os Trapistas observam um regimen puramente vegetariano. Tem-se observado que malgrado este systema de privações, elles ignoram grande numero de molestias, como resistem ás epidemias que, muitas vezes, devastam em torno delles e morrem em edades avançadas.

O Dr. Carton, baseando-se nessas observações, sustenta mais que um regimen synthetico, longe de trazer a indisposição physica, a fraqueza mental ou a decadencia organica, é um factor de força e de equilibrio.

Ford é outro propugnador da sobriedade. Ha pouco, fallando a um jornalista, disse elle que: "as tres cousas mais delecterias da vida moderna, em sua ordem de importancia, são o fumo, o alcool e a alimentação immoderada. Mas, a superalimentação mata mais gente que o fumo e o alcool, porque é mais diffundido. Todo mundo come, nem todos usam o fumo ou o alcool. Se se soubesse de que fórma comer, ficar-se-ia joven por muito tempo."

Por conseguinte, quem quizer ficar joven e viver muitos annos, coma pouco, seja sobrio.



UMA OPINIÃO DE FORD SOBRE O ENSINO PROFISSIONAL.

Numa entrevista dada ao correspondente do "Journal de Genève", sobre diversos assumptos, Ford teve occasião de manifestar sua opinião sobre a educação profissional, de fórma muito interessante:

"Perguntaram-me, certo dia, diz Ford, se eu acreditava em um systema de educação que comportasse metade de theoria e metade de pratica; respondi que avaliava que cem por cento de theoria e cem por cento de pratica não era muito. É preciso ter ambos completamente. A theoria sem applicações praticas é futil;

a pratica sem a theoria pode ser util, mas e intellectualmente vasta. Um trabalho effectuado sem uma comprehensão intelligente de seus principios não tem significação. Transforma o operario em simples machina. Prefiro mais o operario intelligente que a machina."

OS GRANDES HOMENS PARA OS NORTE-AMERICANOS.

Os norte-americanos são de um sectarismo incrível na escolha de celebridades. Uma comissão de jornalistas e publicistas, chefiados pelo conhecido escriptor Archibald Henderson, homem que se tornou famoso entrevistando Shaw e Chesterton, escolheu, a pedido de um grande jornal de Nova York, as doze maiores personalidades vivas. A lista causa um verdadeiro espanto a qualquer leitor bem intencionado: Herbert Hoover, o Principe de Galles, Von Hindenburg, o Rei Affonso XIII, a Rainha Maria da Rumania, o aviador Lindbergh, David Lloyd George, Kemal Pachá, Lady Astor, Rockefeller, Charles Chaplin e Gene Tunney.

Curiosa a lista, não é?

Vejamos, apenas, alguns que faltam: Branly (o inventor da radio-telephonia), Marconi (o inventor da radio-telegraphia e do phonographo), Pathé (o inventor do cinema), Ford (o innovador da economia industrial), Einstein (o sabio), Chaliapine (o cantor celebre), Shaw (o escriptor), Mussolini (o politico), Nansen (o explorador polar), Madame Curie (a descobridora do radium, juntamente com o seu marido), Santos Dumont (o pae da aviação).

Para os norte-americanos um incolar o forçado Gene Tunney vale mais do que Branly, Marconi ou Ford.

O ESTUDANTE YANKEE.

Nos Estados-Unidos, terra dos concursos de toda a sorte, o estudante universitario acaba de conseguir extraordinaria e imprevista victoria em uma dessas grandes pugnas. Tratava-se de julgar o estudante universitario pelos proprios decanos e retores de universidades de todo o paiz. Perguntava-se: *É o estudante universitario um rapagão indolente para os estudos, prompto para toda a sorte de sports e estrepolias, namorador inveterado, scandaloso nas suas roupas; — ou é elle um rapaz modesto, confiado em si proprio, estudioso, vivendo para os livros, alheio ao que se passe em seu redor?* Cerca de 230 directores, decanos, retores, presidentes de universidades e institutos technicos su-

periores votaram. A concepção que venceu foi a seguinte: — o estudante universitario continúa a ser um rapaz estudioso, modesto, vindo de camadas pobres, ou remediadas, com grande vontade de vencer na vida, applicado aos estudos, conservador no seu traje, commedido nas suas palavras e agarrado aos livros. Porque venceu esta concepção? — perguntaram muitos. Porque bem uns 80 % dos estudantes universitarios de todo o paiz pertencem realmente às classes pobres ou remediadas, não podendo, pois, dar-se aos excessos dos estudantes filhos das classes ricas.

PLEBISCITO ACADEMICO.

Um semanario illustrado, "Dimanche illustré", num concurso que abriu entre seus leitores para designar as quarenta mais eminentes pessoas dignas de compôr uma "Academia Ideal", obteve o seguinte resultado: 1, Raymond Poincaré; 2, Mme. Curie; 3, Marechal Joffre; 4, Edmond Branly; 5, Aristides Briand; 6, Clemenceau; 7, Henri-Robert; 8, Marechal Petain; 9, Louis Lumière; 10, Dr. Roux; 11, Louis Bleriot; 12, Painlevé; 13, Marechal Lyautey; 14, Paul Bourget; 15, Michelin; 16, Jean Charcot; 17, Dr. Calmette; 18, Emile Moreau; 19, Clement Vautel; 20, Cardeal Dubois; 21, Gaston Doumergue; 22, General Gouraud; 23, Condessa de Noailles; 24, Monsenhor Baudrillard; 25, Courteline; 26, Henri Bordeaux; 27, Coste; 28, Pelletier D'Oisy; 29, Cambon; 30, Louis Renault; 31, Marquez de Voguè; 32, Pierre Benoit; 33, Chiape; 34, Fonk; 35, De Morogiafferi; 36, Padre Moreux; 37, Mme. Camille Flammarion; 38, Marcel Prevost; 39, Gustavo Charpentier, e 40, Dr. Poinard.

Como se vê, a literatura occupa, apenas, um terço da lista, em que se notam ausentes alguns dos grandes nomes francezes, como Bergson, Jean Perrin, Claudel, Paul Valery, Henri de Regnier, Languevin e, se incluirmos artistas, Bourdelle, Maillol, Matisse e muitos outros.



EXPOSIÇÃO DE ISMAEL NERY.

A pintura de Ismael Nery, pelo que vimos na sua exposição realizada no Pa-

lace-Hotel, vinda, sobretudo a primeira feição, em linha recta do cubismo, é muito curiosa. Domina-a uma preocupação psychologica, que a rijidez da escola não permite grande expansão, mas que se pôde adivinhar ainda assim e sem difficuldades. A sua construcção é segura e o colorido quasi sempre alegre. As figuras e cabeças procuram quebrar intencionalmente a monotonia estatica do cubismo, que elle quer dinamizar, embora confusamente. O sentido da composição tem graça e vivacidade.

A segunda feição, quando começa a tender para o superrealismo, nos pareceu um tanto diffusa e, ao menos por enquanto, não tem o merito da primeira, embora com alguns quadros muito interessantes. O pintor ainda procura integralizar a sua personalidade, embora já lhe sobrem apreciaveis qualidades. Nesse esforço, elle deve evitar o virtuosismo e as inuteis complicações do cerebralismo europeu, no rebuscado muitas vezes artificial de extranhos psychismos, como se dá com a tentativa superrealista, que encaixa na arte a investigação de Freud pelo inconsciente, esquecendo que a arte é sempre uma generalização. Prefira o pintor brasileiro, que já se afirma de modo inconfundivel, livrar-se de todos os apegos que lhe embargam a originalidade, e ser dono da sua arte.

Não cabe aqui analyse particularizada da exposição de Ismael Nery. Observando-lhe as tendencias mais geraes, que tornam a sua pintura inteiramente diferente, no Brasil, elogiando a sua technica solida e as preocupações de dinamizar o cubismo, por onde se vislumbra a libertação brasileira, queremos acentuar o merito deste pintor novo que, com alguns, mas bem poucos é certo, começam a querer fazer pintura no Brasil. Porque o que nos vem da Escola de Bellas-Artes é profundamente triste, desalentador.

Seria caso de perguntar, até que ponto se justificariam, no Brasil, as novas escolas européas? Podemos continuar, como os antigos, na imitação constante, esperando esse artista criador, que, afastado do tempo e do espaço, faça obra de genio? Ou, pelo contrario, ha no ambiente e nos motivos brasileiros, uma inspiração capaz de determinar uma pintura nossa, que seja um reflexo tanto das coisas como do espirito brasileiro? O certo é que, se existe, a não ser na paisagem, nada impressionou ainda os nossos pintores.

PETORUTTI.

Petorutti, o admirável pintor argentino, ora entre nós, continúa trabalhando para a sua próxima exposição, nesta capital, que será uma surpreendente mostra de pintura moderna.

A EXPOSIÇÃO DE DI CAVALCANTI.

É uma exposição de quadros de mulheres. Pouca unidade, ha mesma uma mulher vermelha bastante detestavel. Outras coisas, porém, muito interessantes e feitas com aquella habilidade extraordinaria de Di Cavalcanti. Preferindo os aspectos da vida miseravel, os oprimidos, os desgraçados, todas as escalas da patuléa, as suas figuras são suggestivas. Isso, desde que começou, quando ainda muito influenciado pela escola de Beardsley e seus epigonos. Depois que viu os quadros modernos, os transpoz em essencia para o nosso meio e a nossa gente, sempre com felicidade. A sua feição artistica não se fixa, a cada momento sofre influencias diversas, mas que sabe aproveitar com propriedade. Na sua exposição, por exemplo, ha um samba do melhor efeito e uma figura de mulher, construida com muita firmeza. Os seus desenhos (agora está sob o signo de Covarrubias) são muito curiosos e vimos na exposição uns marinheiros magnificos. Di Cavalcanti tem, sobretudo, uma intuição decorativa muito segura. Os seus volumes e colorido, com a graça da composição e a força interior que dá ás figuras, fazem os seus conjuntos muito caracteristicos. Alguns dos estudos para os painéis do theatro João Caetano são excellentes de côr e movimento.

CINEMA FALADO.

Ninguém deixará de ter uma emoção surpreendente, ouvindo a voz das figuras do cinema, que subitamente deixa de ser scena muda. Desde logo, se compreende o alcance da invenção para conferencias scientificas, discursos, entrevistas (já foram feitas algumas, com Mussolini, Shaw e outros), canto, mesmo para a opera, concertos, enfim para todas essas reproduções, em que a vista augmentará a suggestão.

Para o cinema, que vale a invenção? Assistimos o film *Broadway melody*, que procura adaptar-se ao novo genero e não o consegue. Não é possivel fazer falar o cinema nas condições actuaes. O film se desenvolve com rapidez e simultaneidade, coisas que a voz prejudica. Uma scena no cinema commum dura alguns segun-

MOVIMENTO BRASILEIRO

Expediente

A Redacção do MOVIMENTO BRASILEIRO foi transferida para a Rua Dom Manuel, n 62.

São Representantes desta Revista, em Pernambuco, o sr. Willy Lewin; no Amazonas, o Dr. Alvaro Maia; no Piahy, o Dr. Martins Napoleão; no Espirito Santo, o sr. Vieira da Cunha; em Cataguazes (Minas-Geraes), o dr. Henrique de Rezende; em São Paulo, o sr. Felipe Godoy d'Oliveira.

dos, ou ou dois minutos. Mas, sendo falada, se prolongará. Os dialogos augmentam e o espectador se fatiga em ver sempre aquellas mesmas figuras, ao canto de scena. Se muda subitamente, confundem-se as vozes. Foi, sobretudo, a impressão de cansaço que ficou da fita, agravada com a circunstancia da lingua estrangeira, em linguagem corrente e familiar, nas vozes nasalissimas dos americanos.

Parece que será um erro insistir na adaptação do cinema falado ao cinema commum. Aquelle é uma fórmula nova de arte, que exigirá uma technica particular na filmagem, uma literatura especial, que não será tambem a dramatica, uma fabulação differente; em summa, é outra coisa, inconfundivel. Se todo o cinema se baseou no silencio, dando-se, subitamente, voz ás sombras, não é possivel manter a mesma intensidade emotiva. Criar-se-á uma arte extraordinariamente rica, com a plastica, a palavra, a photogenia, a musica, a côr. Faltará sómente effectivar a invenção que permita o relevo das coisas na tcla.

Como acharemos primarias essas fitas actuaes, as primeiras faladas e sincronizadas, dentro de alguns annos, quando se explorar esse mundo novo?

UMA OPINIÃO DE PIRANDELLO
SOBRE O FILM SONORO.

O film sonoro não agradou a Pirandello, que o condemna formalmente, como absurdo. Numa entrevista, o autor do "Si vi pare, così é", diz: "Os personagens de cinema são imagens, phantasmas. Póde-se admittir phantasmas que falem? As imagens do film são distantes e longinquas e a voz repercutirá sempre muito

proximo na sala, d'uma fórmula tão pouco natural que se tornará insupportavel. O mal foi se ter orientado o film pelo falso caminho da litteratura e presentemente procura-se remediar o mal dando-lhe a palavra, o que é peor. O cinema é a linguagem das apparencias e as apparencias não falam. Sua verdadeira linguagem é a musica. É preciso afastar o cinema da litteratura e pôl-o na musica, pois é preciso que o film seja a linguagem visual da musica."

LIVROS E QUADROS VENDIDOS
PELOS SOVIETS.

Serão vendidos este mez, em Berlim, no Antiquario Lepké, um grande numero de quadros e objectos de arte, provindos dos museos e palacios de Petrogrado. Entre os quadros dos palacios de Pavlosk e de Gatchina, se acham um retrato de homem e outro de mulher de Lorenzo Lotto; uma cabeça de Christo, de Rembrandt; um Christo na Cruz, de Rubens; o retrato do duque de Bassano, duas magnificas paysagens de Hubert Robert e um notavel estudo de Ticiano, para seu S. Jeronymo, que se acha no Louvre.



MACHINA DE MUSICA.

É a impressão que deixa o jazz das *Ingenues of New York*. Cada peça so-

nora se move automaticamente, no momento preciso, da a sua contribuição ao conjunto e para depois instantaneamente. Duração que assim também se poderia definir uma orchestra. Não. Numa orchestra ha um regente, um impõe sobre os musicos a sua vontade, transmite-lhes a sua sensibilidade, tira-lhes os effectos que entende e domina inteiramente a massa sonora. Alem disso, ha a interpretação, o sentido pessoal de cada musico transfigurando-se no movimento geral. Ao passo que, nesse jazz, nada disso. Não ha vontades dominantes, nem interpretações, nem contribuições pessoais. Ha um ambiente de sons produzidos mecanicamente, por varios instrumentos tocados por varias pessoas. Não ha regente e quasi se poderia dizer que não ha musicos. Ha sons apenas, que são tocados aqui e ali, naturalmente sem a monotonia da machina, está claro, pela sua variação extraordinaria. A propria voz, quando intervem, não tem nota pessoal alguma. É um som, á guisa de instrumento, que pôde vir de quem vier e ninguem o distinguirá. É uma musica mecanica, que dissocia os sons e os agrupa extranhamente. Não é a musica, sem duvida, mas é uma musica deliciosa e suggestiva, que dá grande prazer em ouvir.

"SAO FRANCISCO DE ASSIS", DE MALIPIERO.

Dentre os compositores novos da Italia, o veneziano Francesco Malipiero é talvez o de maior renome e a sua originalidade e elevação de pensamento dão-lhe singular relevo no mundo musical moderno. Ainda agora, foi levado em Paris, o seu *São Francisco de Assis*, mysterio feito para theatro, mas que pôde ser dado, como oratorio, em quatro partes: *Rebanho*, evocação dos doze primeiros companheiros cantando o Cântico da Pobreza; *Pregação aos passaros*; *Scena de Santa Clara e São Francisco*; *Morte*. As personagens que cantam são o Santo e seus companheiros, cujas vozes se ouvem, no côro São Clara e uma louca que aparece no 3.º quadro, são figuras mudas. As scenas são curtas, a decoração synthetica e a acção reduzida ao imprescindivel.

Henry Prunières, ao estudar essa obra de Malipiero, observou que "entre a sua sensibilidade de artista moderno que conhece Debussy e Stravinsky e a sua cultura de musico inebriado pelo passado e que não pôde se resignar a considerar mortos Monteverdi e Luigi Ross, elle estabeleceu um equilibrio, do

qual, segundo Robert Brussel, resultam um sabor muito delicado e, por igual, um grave defeito, a monotonia.

No prelude, em velhos modos que lembram o gregoriano, ao mesmo tempo que o emprego de ligeiras dissonancias nos actualizam; na melodia que eleva e transporta, descendo e se elevando na escala; em toda a musica ha uma evocação mystica do paiz maravilhoso de Assis. Abre-se o primeiro quadro. A voz do Santo canta em louvor da Senhora Pobreza e seus companheiros se exaltam em honra da "que ultrapassa tudo em graça e sabedoria". A musica ganha o ambiente e apaga as vozes humanas. Começa então, na paz da tarde, um trecho, em que palpitam todos os sons da noite, ruidos, barulhos, balbucios.

Agora, é o sermão aos passaros. *Siroccie mie ucelli, voi siate molto tenute a Dio vostro creatore...* ergue-se a voz do Santo. A orchestra se anima e toda a natureza são louvores ao Senhor, numa deliciosa symphonia. O terceiro quadro (São Francisco e Santa Clara) é de forte modernidade. O incendio, as palavras de São Francisco: *Dolce amor di povertade quanto ti degiamo amare*. Depois dos clarões do incendio, a luz da lampada na Igreja, donde emergem as figuras do Santo, da Santa e da sua companheira e da pobre louca, que se prostra e reza.

A morte, por fim. São Francisco vae morrer. O côro canta o Cântico das Criaturas e Elle o interrompe, para improvisar uma estrophe em honra da nossa irmã a morte corporal, que dá á alma "alegria santa", enquanto os seus companheiros entõem o ultimo canto do Cântico ao irmão Sol: *Laudate en benedicete mi Signore et ringraziate e servitelo con grande umiltate*.

Tal é a grande obra de Malipiero, dessas que não ouviremos no Brasil, porque aqui é só na opera, *Tosca*, *Aida*, *Manon* e *Palhaços*.

A FAMILIA DE J. S. BACH.

Foi commemorado este anno, o segundo centenario da "Paixão de São Matheus" de Bach. Nessa occasião foi collocada na casa do trisavô de Bach uma placa commemorativa. A casa desse Enginheiro ascendente do grande musico acha-se situada na Thuringia, na pequena aldeia de Wechmar, onde viveu e morreu o padeiro Veit Bach. Seu filho Hans era musico como diversos membros da familia. Seu neto Christovão era musico na côrte de Weimar, e o filho deste ultimo, João Ambrosio, tambem da mesma profissão, estabeleceu-se em Er-

senoch, onde nasceu o grande compositor João Sebastião Bach, procedendo assim de quatro gerações de musicistas.

NOTAS MUSICAES.

— A orchestra Poulet, em concerto na Sala Gaveau, em Paris, dirigida por Gaston Poulet, deu, em 1.ª audição, *Amazonas*, de Villa Lobos. Nesse mesmo concerto, Magdalena Tagliafero, executou, ao piano, o 3.º Concerto de Prokofieff, com acompanhamento de orchestra.

— Arnold Schoenberg tem terminada uma nova opera de character grotesco, que será levada proxicamente á scena do theatro da Opera de Berlim. O libreto é do proprio autor do "Pierrot Lunar".

— Pensa-se em criar em Paris um conservatorio de jazz. Seu ideador justifica seu ponto de vista pela necessidade de terem os verdadeiros musicos, a sua disposição, formulas dessa technica que enriqueceu o vocabulario musical. Além disso, o jazz já possui seus classicos, como Gerschwin, Schœbel e Nusbaum.

— No fim deste anno cahem no dominio publico as obras de Strauss. Destas, a mais popular é a valsa do "Bello Danubio Azul", e as operetas "Barão Cigano" e "Guerra Alegre". Bello negocio para o cinema sonoro.

— O pianista Backhaus, que nos visitou ha cerca de dous annos, decidiu dar, na sala Gaveau, em Paris, o cyclo completo das 32 sonatas de Beethoven. Backhaus é um dos interpretes mais qualificados do pensamento beethoveniano.

— Darius Milhaud, numa conferencia feita na "Residencia dos Estudantes", em Paris, analysou as tendencias da musica franceza moderna, accentuando as diversas influencias. Segundo o conferencista, a musica franceza, depois de 1918, soffre a influencia da musica allemã, particularmente de Wagner; depois da musica russa com Stravinsky e Rimsky Korsakoff, e finalmente da musica americana, comprehendendo o "jazz". Falou em seguida dos autores musicaes mais em voga actualmente, do grupo de que é chefe, e sobre o movimento e propaganda musicaes que realiza em França. Milhaud interpretou ao piano a "Gymnopedia", "Sarabanda" e "Descrições Automaticas" de Satie e composições de sua autoria, entre as quaes "Saudades do Brasil".

— Na proxima estação, em Paris, de bailados russos de Serge Diaghileu, serão dadas tres criações novas: *O Filho Prodigio*, de Serge Prokofieff; *A Raposa*, de Stravinsky, e *O Baile*, de Vittorio Rieti.



“CIRCO”, DE ALVARO MOREYRA.

A sensibilidade de Alvaro Moreyra é feita de muita ternura e muita descrença. Aquella evita a rispidez e esta anula a ingenuidade. Assim sabe rir e chorar de cada lado, á maneira de Gargantua, no dia do nascimento de Pantagruel, quando de uma banda chorava como uma vacca e da outra ria como um bezerro. Nesse equilibrio das coisas dispaes fica aquelle sentido do “humour”. Mas Alvaro Moreyra, que já foi chamado o unico descendente de Machado de Assis, não tem a secura dos scepticos, junta-lhe o espanto pelo mundo, que acha bonito e o enthusiasma. Elle sabe de muitas coisas que estão escondidas, feias e tristes, com capa bonita. Nem por isso, fica de mau humor pelo engano da natureza e finge que ignora e se deleita com o exterior agradável.

O novo livro de Alvaro Moreyra, *Circo*, é todo assim. Ingenuo e sabido. A não ser uma ou outra pagina de entusiasmo discreto, commedido, sem eloquencia nenhuma, o livro é todo de poemas de ternura, lembranças doces ou amargas, ou de paginas de ironia, tristeza e melancolia. Elle propõe o thema:

*A vida está toda errada
Vamos passar a limpo?...*

Mas deixa que os outros se incomodem com isso, elle sabe como são os homens:

*Um macaco deante dos meus olhos me
[dá certa melancolia.
Mas quando eu ouço um papagaio,
[fico com uma vergonha...*

A nota sentimental é profundamente humana neste poeta, que é uma personalidade inconfundivel, na sua arte e na sua emoção. Quando gosta das coisas, fica intimo dellas, torna-se logo um camarada. O amargor mesmo tem apparencias amaveis. Vejamos *Vantagens*:

*Em certos logares, pelo interior, a vida
Como que passou cansada.
Pegou no somno.
É tudo quiéto.*

*É tudo igual.
É tudo sempre a mesma coisa,
Só, de vez em quando, ao longo dos
[caminhos
abandonados, passam burros choca-
[lhando campainhas
no pescoço: blem-blem-blem...
Passam deprêssa.
Depois fica o silencio ecoando: blem...
[blem...*

*blem...
Que differença da cidade!
Aqui por exemplo a gente não sabe
[nunca
quando é que os burros vêm.
Si ninguem tem campainha...
Si ninguem faz blem... blem... blem...*

É que elle não chega a saber se o mundo está direito assim:

*Só si o direito delle é assim.
Póde ser.
A gente não sabe nada...*

Ha um tom de simplicidade na poesia de Alvaro Moreyra que é o seu maior encanto. Nenhuma attitude, quasi sem imagens, uma certa nota symbolica e muita poesia. A doçura corrige o travo. Neste circo, o palhaço é engraçado mesmo, mas o conceito sempre é triste.

“NAVIO PERDIDO”, DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

Curiosa a sensibilidade do Sr. Augusto Frederico Schmidt! Numa época de vida dinamica e tumultuosa, o poeta, que não se exilou e permanece, como todos nós, no seu redemoinho, nos dá um livro, onde a attracção da morte é uma ressonancia constante. Ha um pasmo diante da morte, pensamento fixo, idéa absorvente, construindo a vida para pensar na morte. E os poemas se succedem, num masochismo literario, numa elegia prolongada, como se o poeta só pensasse na morte por amor á vida. Subito, deparamos com o título *Carnaval*, e nos pareceu uma libertação. O poema, em que a objectividade contrasta com o esfumado das suas longas e dolorosas scismas, é tambem uma historia de morte, a morte do carnavalesco mais entusiasta do Encantado, debaixo de um trem, na hora do seu cordão: *Mulher, é triste o meu fim*, ir desfilar pela Avenida. Os companheiros ficaram attonitos,

*Mas eram grandes as despesas já feitas
E o cordão teve que ir sem elle.
Só elle não foi...*

*Ficou rigido estendido num marmore do
[necroterio
Era a alma carnavalesca do Encantado,
[orae por elle!*

O Sr. Augusto Frederico Schmidt, pela unidade de motivo, torna o livro monotono e ha tristeza demais. Tambem Casemiro de Abreu, tão da predilecção do autor do “Navio Perdido”, foi um poeta de choro, mas elle lamentava a vida, que sentia perder, ao passo que o Sr. Schmidt é alegre e jovial e ninguem o supporia capaz de tão profunda melancolia. Não se poderia discutir a sensibilidade de um poeta. Desde que exista emoção nos seus poemas, e não se póde negar poesia neste livro, tudo mais é indifferente; os mais extranhos contrastes. É um livro de oppressão, todo tarjado e cheio de crepes. No fim, precisamos de liberdade, de vida. No começo, era a Acção.

CONGRESSO MUNDIAL DAS BIBLIOTHECAS E DE BIBLIOGRAPHIA.

O 1.º Congresso mundial das bibliothecas e de bibliographia realizou-se em Roma e Veneza, sob o patrocínio do governo italiano, na ultima quinzena do mez passado. O Congresso se dividiu em 15 secções: Quadros internacionaes de classificação; Regras internacionaes para a redacção de catalogos; Bibliographias correntes nos diversos paizes; Bolsas e pensões internacionaes de estudo; Adições eventuaes ás resoluções de Edimburgo; Relações internacionaes entre as bibliothecas; Formação profissional dos bibliothecarios, escolas para bibliothecarios; Relações entre bureaux de informações, institutos de bibliographia, etc.; Bibliographia internacional, redacção de um codigo internacional para bibliographos; O livro italiano, bibliographia e bibliothecas italianas; Industria do livro e bibliophilia; Associações e questões professionaes; Estatisticas de bibliothecas e das bibliographias internacionaes; Construcção e utensilios das bibliothecas; Deposito legal e deposito voluntario.

Ao lado desses trabalhos, o Comité executivo organizou em Roma uma exposição internacional de biblioteconomia, nos fins seguintes:

a) Dar uma noção schematica do desenvolvimento e da adaptação das differentes bibliothecas ás necessidades e condições locais, no que concerne aos edificios, conservação e circulação dos livros, estudos esses que deverão servir aos bibliothecarios desejosos de melhorar as suas installações e serviços;

b) Iniciar o grande publico no trabalho quotidiano dos bibliothecarios, trabalho de que só se conhece geralmente o aspecto externo.

A abertura do Congresso realizou-se em Roma a 15 e a assembléa geral e sessão de encerramento em Veneza, a 25 e 26 do mez passado.



DOIS POETAS ALLEMAES CONTEMPORANEOS.

Sob esse titulo, lemos um interessante estudo critico, na magnifica revista uruguaia *La Cruz del Sur*, do critico literario allemão Franz Rauhut, de Munich, em que fixa as personalidades dos poetas Ernst Droem e George Trakl, o primeiro apparecido antes da guerra, com o livro *Gesängen* (Sonatas), que retirou pouco depois do commercio, tendo publicado, depois de 1918, *Gesängen*, livro que nada tem com o primeiro senão identidade de titulo, e vem prefaciado por Spengler, *Ex tenebris e Guter Mond* (Lua boa). Actualmente, só escreve de quando em vez, vivendo longe das letras. George Trakl é outro poeta, muito joven, no começo da guerra e cuja obra se limita a um volume apenas: *Die Dichtungen*, editado em Leipzig. O seu critico cita as influencias que Trakl soffreu de Rimbaud, em primeiro logar, depois de Dostoievsky, Baudelaire e Hölderlin, "quatro grandes poetas das grandes loucuras misticas." Escreve F. Rauhut: "Na obra de Droem, se encontra, de lado a lado, luz e noite; Trakl se inclina quasi sempre para a noite, até o abismo. Tem a obsessão da vertigem do mal e da nostalgia da morte; como os verdadeiros misticos, não vê na vida e no mundo senão uma podridão; resvala por um suave declive até á dissolução do eu consciente no Nada — Deus."

A PROPRIEDADE LITERARIA NA FRANÇA.

Quando ministro da instrucção publica, o Sr. Herriot apresentou um projecto, dispondo sobre a propriedade literaria. Depois de considerar que, 50 annos apoz a morte do autor, cessam os direitos que percebem os seus descendentes, o que torna essa propriedade diffe-

rente das demais, que são perpetuas, o Sr. Herriot propoz que entre o 51.º e o 100.º anno depois da morte do autor, continuassem os editores a pagar os direitos autoraes, na fórmula seguinte: um terço aos herdeiros, outro terço ao estado e o outro a uma caixa de socorros das letras e artes, destinada a auxiliar os escriptores necessitados. A "Société des Gens de Lettres" apoiou inteiramente o projecto. Interrogado sobre o assumpto, o Sr. Pierre Marraud, actual ministro da Instrucção e successor do Sr. Herriot, declarou que o prestigiaria inteiramente e defendel-o-á com energia.

Só em Portugal a propriedade literaria é perpetua. No Brasil, vae a 60 annos depois da morte do autor. Nos demais paizes, o prazo é o seguinte: Chile, 5; Inglaterra e Sião, 7; Grecia, 15; Perú, 20; Estados-Unidos, 28; Austria, Allemanha e Japão, 30; Italia, 40; Belgica, Bolivia, Costa Rica, Dinamarca, Egypto, França, Tunisia e Suecia, 50; Colombia e Espanha, 80. Não têm fixação de termo: Guatemala, Mexico, Nicaragua, Venezuela, Argentina, Bulgaria, China e Servia.

ALBERTO GUILLEN.

Encontra-se, entre nós, como secretario da legação do Perú, o poeta Alberto Guillen, nome de relevo na literatura modernista do seu paiz. No primeiro livro *Prometeo*, marcou logo as suas tendencias características, confirmadas mais tarde em *Deucalion* e melhor definidas ainda em *Parabolas*, de que disse Gonzalo Baldumbide: "todo um mundo de coisas inanimadas, de animaes heraldicos, de simbolos arrogantes adquirem ahí uma humanidade repentina e expressiva, uma extraordinaria força de significado, um poder de suggestão que chega aos dominios remotos da alma. Maximas Moraes e immoraes, tratadas á maneira de breves poemas dramaticos e figurados, postos em acção por animaes metaforicos, por objectos allucinados, por abstracções vivas. Não é outro o processo do fabulista. Mas como estamos longe do delicioso bonhomme Jean de la Fontaine." O seu livro de pensamentos *La Imitación de Nuestro Señor Yo*, presente-se de um pouco de retorica, que preejudica a intenção humoristica e lhe dá uma attitudo grave, mesmo na zombaria. Tem outros livros a apparecer, inclusive um volume de versos *Epigrammas* (curioso é que o primeiro titulo era *Epigrammas Ironicos e Sentimentaes*), e *Figuras*, estudos criticos. Muito preocupado com o intercambio intellectual

americano, Guillen organiza uma antologia de poetas novos da America.

Pedimos a Guillen que nos desse os nomes de maior relevo nas letras modernas do Perú e elle nos respondeu:

— "Ha tantos como em qualquer outro paiz da America. Hora de improvisação de poetas e pequenas revistas, que morrem nascendo, como a aurora. Creio, porém, que por traz de Eguren deve collocar-se Vallejo e, depois de Vallejo, Peralta. Vallejo trouxe a emoção do crioulo e Peralta a do indio. Não me posso estender. Depois de Vallejo, ponhamos os irmãos Peña, os tres irmãos Bolaños, Magda Portal, Mario Chávez, Xavier Abril, José Varallanos, Guillermo Mercado e Carlos Alberto González."

Vivemos sempre tão longe do mundo latino-americano, excepto da Argentina, cujo convívio nos é constante, que é sempre uma alegria tomarmos contacto com um poeta sul-americano, como Guillén, que tem o sentido da poesia nova do continente, que tanto nos preocupa hoje. Neste momento, Guillén organiza a parte brasileira da sua Antologia americana, que será uma obra excellente e de immensa utilidade.

HISTORIAS DE SHAW.

Um colleccionador de cartas de Shaw, individuo que ha 30 annos vive com essa tremenda e assustadora mania, escreveu-me uma carta declarando que cogitava de editar as que possuía, em grande edição de luxo. Shaw respondeu: "Pouco me importa que as edite o Sr. Fulano, porquanto o verdadeiro editor sou eu."

Um centro feminino qualquer da Inglaterra pediu a Shaw que lhe offerecesse uma das suas obras, para a bibliotheca que organizava. Shaw respondeu, numa carta, dizendo que um centro que não tinha cinco shillings para comprar um dos seus livros não merecia ser uma sociedade. A presidenta do Centro resolveu, então, vender o autographo do grande escritor e apurou dez libras.

UMA SATIRA CONTRA O THEATRO DE PIRANDELLO.

Enrique de Rosas, escriptor dramatico argentino, acaba de fazer representar em Madrid, no theatro da Zarzuela, sua nova peça denominada *O espectador na Quarta Realidade*. A scena representa um jantar intimo, offerecido a uma actriz por diversos amigos, poetas, escriptores, musicos, actores. N'uma mesa proxima, um desconhecido, "o espectador", bebe champagne e se diverte a interromper e

MOVIMENTO BRASILEIRO

commentar o que discutem os commensaes: a realidade da vida e do theatro. Em pouco o dialogo se estabelece e o desconhecido acaba por se unir aos convivas, afim de proseguir a sua extranha conversa, onde elle dará o sentido da 4.ª realidade.

Sua palavra suggestiva projecta sobre o mundo e sobre a vida theatral novas ideias; a actriz, inteiramente suggestionada, já não vê sua arte nem a realidade da fórma porque as via antes, ella vae tomar uma nova consciencia de si mesma, mas... os guardas de um asylo de loucos entram e levam o desconhecido.

Sabe-se, então, que este singular desconhecido havia escapado de uma casa de saude, algumas horas antes. Sempre a mesma satira, que quer confundir os innovadores com os loucos.

MISTRAL E O REGIONALISMO LITERARIO.

A *Revista da Catalunha* publica, em seu primeiro numero, tres cartas ineditas de Mistral, a seu amigo catalão Alberto de Quintana. Numa dessas cartas, Mistral escreve:

"Nossa "causa" progride pelas obras, pelo desenvolvimento incessante da litteratura e da ideia nacional. Que importa que o movimento actual tenda á centralisação? Existe uma lei á qual nada no mundo escapa, é a lei do fluxo e do refluxo, da acção e da reacção, do entusiasmo e do desanimo."

"Quando a Europa fôr centralizada

á força, o movimento em sentido inverso se produzirá naturalmente, e as verdadeiras liberdades renascerão, como renasceram depois da centralisação romana, depois da de Carlos Magno, depois da de Alexandre, depois da de Mahomet, etc. Esperemos pois e aspiremos. A aspiração não vale a conspiração?"

DIVERSAS.

— O general Tasso Fragoso prepara um trabalho sobre a guerra do Paraguay, que sairá em breve.

— Jean Genet publicou *Histoire des Peuples Shoshones-Azteques* (Amérique du Nord et Amérique Centre). Trata-se da vida dos indigenas que habitavam de Alberta (Canadá) até o isthmo do Panamá, muito compacta no Mexico, deixando grandes monumentos de civilisação.

— Victor Giraud publicou *Portraits d'Amy*, serie de estudos criticos sobre Mme. de Sévigné, Michelet, Jouffroy — *poète égaré dans la philosophie* — Emile Montegut, Renan, Taine, Sully Prudhomme, Huysmans e Pierre Loti.

— *Angelim Amargoso e outros* é o titulo do novo romance de Teixeira Soares, que será publicado em breve.

— Apareceram reunidos os 4.º e 5.º numeros de *Arco & Flexa*, a magnifica revista modernista da Bahia, marcando mais uma vez o impulso victorioso dos "azes" bahianos do espirito moderno. Verso, conto, novela, cronica.. Tudo novo, audaz. Lemos com prazer um poema de Godofredo Filho, que nos faz esperar infinitamente pelo seu promettido

livro de versos *Samba*. Tambem a homenagem a Rafael Barbosa, quando da sua viagem recente á Bahia, um discurso de Chiacchio e a resposta daquelle, merecem especial destaque. Em summa, é a Bahia que resurge pelo movimento moderno, que contaminou o Brasil inteiro.

— O editor F. Roches acaba de iniciar a publicação dos "Textos franceses", obra consideravel e de grande utilidade, dirigida por Joseph Bédier, Paul Hasard, Roustan e outros, constituindo o seguimento logico dos textos gregos e latinos. Os textos são integraes; as obras completas. Todos os monumentos da litteratura francesa, do XVI ao XIX seculos serão publicados nessa colleção, precedidos de um prefacio documentario e informações bibliographicas. Elles têm a vantagem de trazer ao publico a alegria de conhecer em toda a sua pureza as obras primas do espirito francez. Os primeiros volumes serão os *Poemas de Vigny, Pantagruel, Gargantua e o Theatro de Clara Jasul*.

— O premio Northcliff de litteratura francesa para 1928-1929, coube a Mme. Celine Lhotte, por seu livro *Sur les forêts du Paradis*. O romance premiado consiste na historia d'uma mulher do povo, uma mãe de familia, pobre creatura, cujas alegrias fugitivas e dôr permanente são analysados com um profundo conhecimento da alma popular. Mme. Lhotte publicára simultaneamente um outro romance, *La petite fille aux mains sales*.

— Benedetto Croce fará aparecer em breve uma *Historia da Italia Contemporanea*.

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

Compagnie Générale Aéropostale

50, AVENIDA RIO BRANCO — Rio de Janeiro
 Correio Aereo
Linhas C. G. A. Aereas

Horario e taxas de RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

para Victoria, Caravellas, Bahia, Maceió, Recife, Natal e EUROPA.	} 10 horas AOS SABBADOS 12 horas
para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE.	

Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas **C. G. A.**, paga:

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor

Em sellos especiaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de Expresso é facultativa

Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>	RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>
Pelotas.....	\$500	Caravellas.....	\$500
Porto Alegre.....	\$500	Bahia.....	\$500
Florianopolis.....	\$500	Maceió.....	\$750
Santos.....	\$350	Recife.....	\$750
Victoria.....	\$350	Natal..	\$750
		F. Noronha.....	\$750
		<i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i>	<i>Impressos, Amostras e Encommendas-por 50 grms.</i>
EUROPA.....		2\$500	5\$000
Uruguay e Argentina.....		1\$000	2\$500
Paraguay e Chile.....		1\$500	3\$000

Compagnie Générale Aéropostale

50, AVENIDA RIO BRANCO — Rio de Janeiro
Correio Aereo
Linhas C. G. A. Aereas

Horario e taxas de RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

para Victoria, Caravellas, Bahia, Maceió, Recife, Natal e EUROPA.	10 horas AOS SABBADOS
para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE.	

Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas **C. G. A.** paga:

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor

Em sellos espeziaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de Expresso é facultativa

Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- endas 50 grms.</i>	RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- endas 50 grms.</i>
Pelotas.....	\$500	Caravellas.....	\$500
Porto Alegre.....	\$500	Bahia.....	\$500
Florianopolis.....	\$500	Maceió.....	\$750
Santos.....	\$350	Recife.....	\$750
Victoria.....	\$350	Natal..	\$750
		F. Noronha.....	\$750
		<i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i>	<i>Impressos, Amostras e Encommendas-por 50 grms.</i>
EUROPA.....		2\$500	5\$000
Uruguay e Argentina.....		1\$000	2\$500
Paraguay e Chile.....		1\$500	3\$000